Andréia Guerini
Fernanda Christmann
Morgana Aparecida de Matos
(Organizadoras)

ESTUDOS DA TRADUÇÃO:

Entrevistas com Egressos da PGET/UFSC

PGET/DLLE/UFSC

Andréia Guerini
Fernanda Christmann
Morgana Aparecida de Matos
(Organizadoras)

ESTUDOS DA TRADUÇÃO: Entrevista com Egressos da PGET/UFSC

Prefácio por Marie-Hélène Catherine Torres

PGET/DLLE/UFSC
2019

E82

ESTUDOS DA TRADUÇÃO: Entrevista com Egressos da PGET/UFSC [recurso eletrônico] / Andréia Guerini, Fernanda Christmann, Morgana Aparecida de Matos (Organizadoras); prefácio por Marie Hélène Catherine Torres. – Dados eletrônicos. – Florianópolis: PGET/DLLE/UFSC, 2019.
102 p.

E-book (PDF)
ISBN 978-85-5581-057-2

1. Estudos da Tradução e da Interpretação 2. Tradutores. 3. Pesquisadores de Tradução. I. Guerini, Andréia. II. Christmann, Fernanda. III. Matos, Morgana Aparecida de.

Copyright © 2019 - das organizadoras representantes dos autores

Comitê Editorial

Álvaro Faleiros (Universidade de São Paulo, Brasil)
Anna Palma (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)
Berthold Zilly (Freie Universität Berlin, Alemanha)
Davi Gonçalves (Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil)
Ilana Heineberg (Université Bordeaux Montaigne)
José Lambert (KU Leuven, Bélgica)
Julio Cesar Monteiro (Universidade de Brasília, Brasil)
Luana Ferreira de Freitas (Universidade Federal de Fortaleza, Brasil)
Odile Cisneros (University of Alberta, Canadá)
Philippe Humblé (Vrije Universiteit Brussel, Bélgica)

Revisão
Andréia Guerini
Fernanda Christmann
Morgana Aparecida de Matos

Diagramação e Editoração
Fernanda Christmann
Willian Henrique Cândido Moura

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercialCompartilhaIgual 4.0 Internacional.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 6

APRESENTAÇÃO..... 8

ENTREVISTA COM GILLES JEAN ABES 10
Rodrigo D'Avila Braga Silva
Rosangela Fernandes Eleutério

ENTREVISTA COM GREICE BAUER.....21
Morgana Aparecida de Matos
Willian Henrique Cândido Moura

ENTREVISTA COM GISELE TYBA MAYRINK ORGADO ...30
Márcia Monteiro Carvalho
Rosangela Fernandes Eleutério

ENTREVISTA COM JOSÉ ENDOENÇA MARTINS.....40
Karolline dos Santos Rolim
Rafaela Marques Rafael

ENTREVISTA COM AÍDA CARLA DA CUNHA.....56
Elis Maria Cogo
Tobias Nunes Cordova

ENTREVISTA COM MARLOVA GONSALES ASEFF 63
Emily Arcego
Márcia Monteiro Carvalho

ENTREVISTA COM SHEILA MARIA DOS SANTOS.....70
Karolline dos Santos Rolim
Rodrigo D'Avila Braga Silva

ENTREVISTA COM LAÍS GONÇALVES NATALINO.....77
Fernanda Christmann
Willian Henrique Cândido Moura

ENTREVISTA COM ARLENE KOGLIN 83
Morgana Aparecida de Matos
Willian Henrique Cândido Moura

ENTREVISTA COM TELMA FRANCO DINIZ 89
Emily Arcego
Fernanda Christmann

ENTREVISTA COM KALL LYWS BARROSO SALES.....98
Fernanda Christmann
Bruna Silva Fragoso

ENTREVISTA COM MARCOS DE CAMPOS CARNEIRO .. 106
Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva

PREFÁCIO

O presente livro reúne entrevistas oriundas do Seminário de Egressos da PGET (SEPGET) de doze egressos que dedicaram suas teses a pesquisas em Estudos da Tradução ou desenvolveram trabalhos em linhas de pesquisa ligadas aos Estudos da Tradução. Devemos a iniciativa às três organizadoras do livro, à coordenadora da Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), Profa. Dra. Andréia Guerini e a duas doutorandas da PGET/UFSC, Fernanda Christmann e Morgana Aparecida de Matos.

Pioneira e inovadora, a PGET/UFSC criou um método historiográfico e de acompanhamento dos seus egressos, não somente de doutores, mas ainda de mestres, e alimenta um banco de dados invejável e consultável na sua página acadêmica. Tem atualmente, 130 egressos doutores e 290 egressos mestres na PGET/UFSC, cujas teses e dissertações estão online desde a criação da PGET/UFSC em 2003, o que comprova a preocupação e consciência social e acadêmica do programa.

Foram, de fato, duas etapas de importância na visibilidade das pesquisas discentes. Em primeiro lugar foi criado o Seminário de Pesquisas em Andamento (SPA/PGET) que está na sua décima segunda edição organizado de forma voluntária pela representação discente e pós-graduandos da PGET/UFSC, no intuito de trocar ideais e divulgar, entre outros, métodos e teorias de pesquisa por parte dos mestrandos e doutorandos. E, em segundo lugar, a PGET/UFSC organiza anualmente o Seminário de Egressos da PGET (SEPGET), contribuído de modo colaborativo com os diversos níveis de estudos.

Os egressos não têm nenhuma obrigação formal em participar do Seminário, mas são, pelo contrário, convidados a se inscrever, o que faz da sua representatividade um dado confiável quanto ao seu panorama no mercado de trabalho. Estruturalmente e ideologicamente, o método é não prescritivo, pois diretamente proposto pelos próprios egressos, evidenciando o que realmente fizeram desde a suas defesas de dissertação de mestrado e/ou tese de doutorado.

Em 2019, o sétimo Seminário de Egressos da PGET foi tão profícuo que as organizadoras decidiram propor um e-book com depoimentos, valorizando as trajetórias acadêmicas de doutores egressos da PGET/UFSC bem-sucedidos profissionalmente. Alguns são tradutores, outros professores universitários, ou ainda continuam estudando em nível de pós-doutorado, espalhados geograficamente no Brasil todo.

Diferentemente dos outros observatórios de percurso de egressos que focalizam geralmente sobre as possíveis profissões, o Observatório dos Egressos da PGET/UFSC, que tem o projeto de publicar estatísticas e análises críticas regularmente, favorece verdadeiras discussões científico-acadêmicas sobre pesquisas já produzidas na PGET/UFSC e que resultaram em apresentações em eventos no país e no exterior e publicações, bem como discussões profissionais. Um dos objetivos do Observatório e do Seminário é também o de mostrar aos atuais mestrandos e doutorandos, sem esquecer dos docentes pesquisadores e formadores, as oportunidades e a realidade profissional dos portadores de um diploma da PGET/UFSC. A inserção profissional mostra dessa maneira o quanto os diplomas de Mestrado e Doutorado da PGET/UFSC abrem caminhos e empregos em adequação com a formação recebida.

Por todas essas razões, as entrevistas recolhidas pelos atuais mestrandos e doutorandos do programa revelam respeito, reconhecimento e credibilidade numa formação de excelência (o programa tem a nota 6 na CAPES) e valorizada no mercado de trabalho. Ainda, o livro aqui presente comprova que a PGET/UFSC, que sempre trabalhou numa ótica participativa entre a academia e a comunidade e entre os discentes e docentes, ambos pesquisadores, continua cumprindo a sua missão originária que é "é formar profissionais competentes para o exercício das atividades de pesquisa, tradução propriamente dita, e magistério superior na área de tradução" numa universidade pública, gratuita e de qualidade, a UFSC.

Profa. Dra. Marie-Hélène Catherine Torres
Docente pesquisadora da PGET/UFSC

APRESENTAÇÃO

Os desafios profissionais e pessoais que compõem a vivência acadêmica incitam os mais diversos questionamentos, que podem ser resumidos em um: como será a vida profissional quando terminar a pós-graduação?

No intuito de aclarar o futuro e de reunir mestres e doutores com mestrandos e doutorandos, a Representação Acadêmica e a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET/UFSC, teve a iniciativa de ampliar o Seminário de Egressos da PGET – SEPGET, tornando-o um evento encorpado e com a participação de egressos como palestrantes vindouros de várias partes do país.

O VII SEPGET, realizado em 2019, possibilitou o encontro de gerações, de professores e profissionais da tradução, ampliando os horizontes tanto de seus ouvintes como de seus palestrantes, que puderam perceber a energia inovadora das pesquisas que estão sendo realizadas e vincular suas vivências ao meio acadêmico do qual outrora participaram.

Para os mestrandos e doutorandos as novidades e os avanços profissionais mostraram-se convidativos e instigantes. Um mundo novo, mas real, mais próximo, possível e promissor. Foi com esse sentimento que um grupo de acadêmicos teve a iniciativa, sob a ideia inicial da doutoranda Fernanda Christmann, de elaborar uma compilação de entrevistas com egressos, que agora é apresentado em forma de livro, cujo objetivo era aliar os Estudos da Tradução, vivenciados no âmbito da PGET, com a vida profissional de cada um dos entrevistados: resultados de pesquisas, inserção no mercado profissional, influência que a pós-graduação exerceu em suas escolhas. Esta era a composição do mote dos questionamentos que os senhores terão o prazer de ler neste *e-book*.

Como parte do labor acadêmico, a realização das entrevistas e suas compilações foram elaboradas de forma conjunta, demandando parceria e companheirismo. Foi durante o VII SEPGET que os entrevistadores

contataram os entrevistados e, a partir de suas falas, elaboraram os questionamentos.

Um dos fatores a se destacar foi a liberdade na elaboração das perguntas e nas respostas dos entrevistados, mantendo-se as peculiaridades e a expressividade de cada um. A liberdade mostrou a positividade da diferença que, por sua vez, fez emergir os aspectos transdisciplinares dos Estudos da Tradução.

O resultado foi uma compilação de ideias, teorias e práticas com ares estimulantes, que geraram a certeza do futuro e o orgulho de se ver egressos bem-sucedidos em seus propósitos, produtivos em seus afazeres e, principalmente, mostrando que a relevância teórica não caminha ao lado da prática, mas a transcende. Teoria e prática se integram, se mesclam, se miscigenam.

Com isso o agradecimento especial vai para cada um dos agentes desse *e-book*. Cada acadêmico e profissional que se dedicou para que as linhas escritas aqui perpetuassem a união e, porque não dizer, o início de uma nova conexão entre alunos e professores, pós-graduandos e egressos, entre investigações e práticas.

Aproveitem as entrevistas!

Andréia Guerini
Fernanda Christmann
Morgana Aparecida de Matos

ENTREVISTA COM GILLES JEAN ABES

Rodrigo D'Avila Braga Silva[1]
Rosangela Fernandes Eleutério[2]

Gilles Jean Abes é licenciado em Letras – Francês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC- Florianópolis). Pela mesma Universidade tornou-se Mestre em Teoria Literária em julho de 2007. Cursou o doutorado na área de Estudos da Tradução (PGET/UFSC), 2011. Realizou o Pós-doutorado no mesmo programa e instituição, de 2011/2 a 2013/01. Atualmente é professor adjunto na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/ Florianópolis) desde 2014/2, no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC).

Dentro da sua vivência como tradutor quais gêneros textuais você já traduziu fora da sua área de especialização? Poderia nos relatar algumas dessas experiências e o seu processo de trabalho?

Como é o caso de parte significativa dos tradutores no Brasil, daí a pertinência da pergunta, traduzi textos de diferentes áreas, do futebol ao turismo, da ciência política à biologia, ou ainda, da filosofia à

---

[1] Doutorando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017 - em andamento), é mestre (2016) em Estudos da Tradução e Bacharel em Letras - Tradução/Francês (2015) pela Universidade de Brasília e também bacharel em Relações Internacionais (2006) pela Universidade Católica de Brasília, Atua como Editor da revista acadêmica Belas Infiéis e tradutor. Seus temas de interessa são a História da Tradução, Tradução Literária, Literatura erótica e Formação de Tradutores.

[2] Doutoranda em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC). É mestra em Estudos da Tradução e licenciada em Letras – Língua e Literaturas Espanhola (UFSC).

sociologia. Em suma, traduzi mais textos acadêmicos do que literários, sendo que a literatura é não somente minha área de atuação como de predileção. Também trabalhei como intérprete, em raras ocasiões, felizmente! Explico. Minha relação com o português e o francês é de bilinguismo simultâneo, ou seja, aprendi (e me formei) os dois idiomas ao mesmo tempo. Muitas pessoas acreditam que o ofício do tradutor é meramente mecânico e que basta "saber" os idiomas para verter textos ou atuar como intérprete, que seja na tradução simultânea em cabine ou consecutiva. Não! Não é tarefa fácil a de traduzir qualquer texto, seja este científico, técnico ou literário, mesmo nos casos de bilinguismo simultâneo. Fui convidado anos atrás a ser intérprete numa palestra do professor José Lambert, um dos mais importantes pesquisadores em Estudos da Tradução no mundo. Resultado: Senti-me pequeno demais para tarefa tão complexa, como se estivesse no circo, andando numa corda acima do abismo, sem rede de segurança. É a garantia de fortes emoções, de suor frio, de uma exaustação física e mental incomparável. Como ser eficiente numa tradução consecutiva de um palestrante cuja reflexão é complexa e mesclada de conceitos fundamentais para o argumento que surgem a todo momento em diferentes idiomas? Como lembrar e sintetizar essa reflexão tão complexa? Como equilibrar o tempo de fala daquele que busca traduzir daquele que pretende acabar seu argumento antes de ser interrompido para ser traduzido? Para além do altíssimo nível de formação (domínio dos idiomas, cultura geral, conhecimento do assunto, de diversos campos de conhecimento e dos autores ou autoras), ser intérprete exige muita prática e uma formação singular (memorização, sintetização, tempo curtíssimo de tradução, etc.) que eu, tradutor de textos escritos, não tinha/tenho. Outro aspecto marcante dessa experiência fora dos muros de minha área de atuação é a tradução de textos acadêmicos (resumos, artigos, teses) que, assim como outros textos, podem apresentar problemas de formulação que dificultam a tarefa do tradutor. Creio que um texto "bem" escrito – com toda a variação que esse "bem" pode ter na literatura, facilite, de modo geral, para a tradução da prosa, o nosso trabalho, já que possui como que balizas flutuantes para orientar a mão do tradutor. Ao contrário, um

simples resumo mal formulado pode trazer importantes problemas e frustrações ao tradutor. É como se o tradutor precisasse assumir também o papel do revisor. Resumindo: os problemas dos textos literários são outros, de ordem estética e da forma, culturais, etc. Podemos não encontrar uma solução para um problema. Podemos lamentar uma escolha. Mas traduzir um texto mal escrito é outra experiência radical de como se pode experimentar a sensação do abismo (outra corda do circo). Finalmente, uma terceira experiência que destacaria é o contato com as diferentes línguas moventes que compõem as línguas que supostamente dominamos, no meu caso, francês e português. Adentrar diferentes áreas não significa de forma alguma que o nosso conhecimento dos dois idiomas será uma garantia para a tradução. É um conhecimento parcial. Além disso, cada área possui uma linguagem que lhe é própria, com suas "gírias" e palavras técnicas, e mais ainda, há variação enorme nos sentidos que um mesmo vocábulo pode adquirir quando contextualizado em diferentes áreas. Traduzir um site turístico sobre uma região não equivale em nada com a tradução do "Acuso", de Émile Zola. Esse fato exige do profissional uma permanente postura de estudo e aprimoramento. De qualquer modo, essas três experiências que "sofri" (Berman) trouxeram algo de significativo na minha formação e um melhor conhecimento do que representa o ofício do tradutor. E por mais que eu seja de uma família de tradutores e intérpretes – meu bisavô era intérprete no exército francês (árabe, berbere e francês) –, hoje sei que não sou intérprete.

Quais são as maiores dificuldades para traduzir textos francófonos e, no seu caso específico, os textos de Baudelaire para o português brasileiro?

A tradução de textos escritos em língua francesa, com todas as variantes que isso implica, possui muitas dificuldades como as que enumerei logo acima. Primeiro, é preciso ter noção de que um "francês padrão" não existe de fato. Existe artificialmente, como modelo possui variações, registradas, por exemplo, ao longo da história da língua. Assim,

o francês do século XVI é praticamente um outro idioma. É por isso que Roman Jakobson fala em tradução intralingual. Para além disso, temos o francês falado e escrito na França, ou seja, nas diferentes regiões do país, por grupos distintos. E temos o francês falado e escrito em outros países. Cada vez trata-se de adentrar um universo singular da língua francesa, composto de línguas diversas, em determinada época.

No caso do texto literário, para além de questões estéticas e do domínio da forma (exemplo: saber de versificação, ser leitor de poesia, etc., para verter poesia), a literatura acaba por se espelhar na língua do *homo sapiens* para criar a do *homo fictus*. Assim sendo, lidamos com uma tessitura complexa, variante e heterogênea. É a grande dificuldade, por exemplo, em se reproduzir a heteroglossia ou fortes marcas da oralidade em algumas obras (Céline, Queneau...). É preciso acrescentar que adentramos também o idioleto do autor ou autora, ao menos aquele que procuramos reconstruir a partir de um profundo conhecimento da obra, com base numa fortuna crítica mais ou menos extensa sobre o escritor ou escritora. A correspondência do poeta Charles Baudelaire exemplifica perfeitamente o caso de um texto prosaico complexo, de um francês do século XIX escrito por um burguês que teve acesso à educação. A escrita epistolar, mais especificamente, representa o diálogo com um destinatário ausente. A carta, particularmente a baudelairiana, oscila entre confissão e manipulação, e é extremamente heterogênea em suas temáticas e registros. Do tratamento mais formal à piada chula de cunho sexual, é preciso estar preparado para tudo! Baudelaire emprega assim um francês de sua época, mas com preferências pessoais, reconstituindo um universo distante, aludindo, por exemplo, a objetos que não somente não existem mais como nunca vimos. A tradução desses termos exige muita pesquisa nos dois idiomas porque a palavra não remete a nenhum significado dado. Não visualizamos mentalmente objetos que são, entretanto, do cotidiano do autor. Para além disso, temos as diferenças de uso da conjugação verbal ou dos pronomes que não são empregados da mesma forma no francês atual. É óbvio que existem outras questões ligadas às particularidades de cada idioma. Mas a maior dificuldade reside nas mudanças de assunto que acabam por recobrir o conjunto das

epístolas de uma sensação de desconexão, de profunda heterogeneidade de estilo e de certa incoerência na articulação das ideias. Ocorrem mudanças bruscas de assuntos, de diálogos retomados no papel iniciados pessoalmente com o interlocutor, cartas ausentes (talvez perdidas ou destruídas) ou sem data, etc. São inúmeras referências, que exigem notas de diferentes tipos (históricas, onomásticas, contextuais, de tradução, do editor...). Tudo isso dificulta a própria compreensão do texto. Como dar certa homogeneidade a um texto que não é homogêneo? Pois trata-se de uma escrita mais espontânea, em alguns momentos, frases escritas às pressas, e, em outras passagens, mais ponderadas nas quais cada palavra é pesada. É preciso, portanto, para além de um estudo contínuo, dar um equilíbrio ao texto traduzido, sem perder a riqueza dessa heterogeneidade que também possui valor. Não se trata de ordenar a desordem, nem de fazer com que o estrangeiro se torne familiar. Do ponto de vista do que isso exige do tradutor, no meu caso específico, o bilinguismo simultâneo, que todos enxergam como vantagem, pode se revelar uma traição. São dois os idiomas maternos que convivem sem fronteira e, assim, interferências de uma sobre outra podem ocorrer a qualquer momento, exigindo atenção redobrada, já que não soam estranhas. Paulo Rónai já havia chamado a atenção sobre a desconfiança que se deve ter com as palavras aparentemente cognatas. Sob sua superfície familiar se esconde frequentemente uma armadilha na qual é fácil cair. Para ter maior controle sobre essas interferências, procurei deixar as cartas traduzidas de lado, para traduzir outros textos, como forma de estudo preparatório e de aprimoramento. Há, ainda sobre o bilinguismo, uma tendência dominadora de uma língua sobre outra, o que exige tentar preservar o equilíbrio através do estudo das duas. Praticar uma língua em detrimento da outra é abrir uma brecha na qual o esquecimento ganha terreno. Portanto, nada é garantido e tudo é movente no conhecimento dos idiomas, mesmo maternos. Traduzir a correspondência de Baudelaire exige assim inúmeras releituras e deixar a tradução de lado. Exige dar homogeneidade às formas de tratamento. Exige reduzir no português o uso "abusivo" e "redundante" dos pronomes oblíquos do francês. Exige, finalmente, um estudo permanente do idioma, a consulta a diversos

dicionários, quando não a outros leitores/tradutores. Toda tradução de textos tão complexos, se bem-sucedida, é um trabalho de ourives, de um verdadeiro artífice.

O que você considera imprescindível na literatura francófona que merece ser divulgado via tradução no Brasil?

Se pensarmos inicialmente apenas nos autores e nas autoras que se tornaram, com o tempo, clássicos, existem ainda muitas obras inéditas ou cujas traduções estão esgotadas no Brasil. Quantas traduções temos em português da Nathalie Sarraute, Marguerite Yourcenar, Colette, ou ainda de autores como Frédéric Mistral, prêmio Nobel de literatura em 1904? Se focarmos os gêneros, percebemos claramente uma grande lacuna no teatro. Quantas peças foram traduzidas de Corneille, Racine, Molière, Jarry, Artaud, Ionesco? Quanta poesia de Victor Hugo foi traduzida no Brasil? E Théophile Gautier? E os surrealistas? E não menciono aqui a recepção dessas obras, como foram introduzidas e recebidas nos sistemas literários que marcam certa leitura daquelas obras, alteradas com retraduções. Resumindo, já temos nos clássicos muitas obras para verter. Além disso, devemos agregar a essas obras, as escritas em francês oriundas de outros países, as obras que foram marginalizadas por motivos condenáveis. É preciso dar voz a outras formas de ver o mundo. Em suma: pensando estritamente na literatura, há um imenso horizonte – felizmente hoje mais amplo – de textos para traduzir ou retraduzir. E há lugar para todos e todas!

Dentro da sua experiência como professor tanto de Língua francesa quanto de Tradução, quais elementos (técnicos, práticos, teóricos e etc.) você entende como relevantes para a formação dos jovens tradutores?

Para ser um tradutor ou uma tradutora é preciso traduzir e traduzir muito. Compararia o ofício ao músico que deve imperativamente se exercitar diariamente. Não há dúvida, o exercício da tradução é uma

obrigação. Mas como disse Antoine Berman, a prática não pode se passar de reflexão. Nesse sentido, o exercício do traduzir associado ao da leitura crítica e à reflexão sobre o ato tradutório é de suma importância. O conhecimento de seu objeto é também central. A meu ver, os elementos de formação básica são os seguintes: estudo dos idiomas, leitura de literatura (e teoria literária), tradução, retradução, discussão sobre a tradução, leitura e debate de textos teóricos e dos paratextos dos tradutores (notas). Trata-se de uma formação contínua. De forma mais específica, o conhecimento do autor ou autora a traduzir é fundamental, o que exige a leitura de suas outras obras, da fortuna crítica, etc. E não há mérito maior para um tradutor do que rever sua própria tradução, como já o fizeram Boris Schnaiderman ou Paulo Henriques Britto. A análise crítica de traduções, inclusive de sua própria tradução, é um exercício muito rico para a formação de futuros e experientes tradutores. Restrinjo-me aqui à literatura. Mas a tradução técnica e científica, por exemplo, também exige um estudo permanente do objeto a traduzir (temas, linguagem técnica, conceitos, etc.). Os intérpretes e os que trabalham com legendagem também necessitam de formações específicas. Em suma: traduzir, retraduzir, ler, estudar, criticar, exercitar o pensamento e o gesto tradutório (torná-lo mais consciente).

De que maneiras a sua pesquisa de doutorado e as suas experiências como aluno, tanto de graduação e pós-graduação se projetam dentro da sua prática em sala de aula?

Por se tratar de uma tradução comentada, esse tipo de trabalho possibilita uma experiência singular de escrita, de construção de um argumento e de um projeto de tradução. Seguramente, a bibliografia consultada e a elaboração de justificativas para o projeto, assim como as escolhas tradutórias, constituem um aprendizado teórico-argumentativo no campo dos Estudos da tradução. Todo esse conhecimento adquirido no decorrer dos anos de doutoramento (e desde a graduação) são importantes para o ensino e invadem consciente ou inconscientemente a sala de aula. Além disso, a própria tradução e seus desafios também

agregam a experiência do traduzir, o que será fundamental em qualquer conteúdo ou atividade que envolva uma prática reflexiva da tradução em sala de aula. Por exemplo, aprendemos a não julgar simplesmente uma tradução como "boa" ou "ruim", como se faz frequentemente (inclusive em jornais), mas a desenvolver a capacidade de reflexão crítica e analítica, o que acaba por refletir sobre a formação dos alunos. Ler. Entender. Duvidar. Elaborar um argumento sólido e antecipar o contra-argumento. Comparar. Traduzir. Questionar. São atitudes que invadem o recinto da sala de aula, impregnados nos gestos do professor/pesquisador, o que acaba também por formar mais do que um estudante em Letras e um tradutor, mas igualmente um cidadão crítico e melhor armado para se defender em sociedade.

Como você caracteriza o papel da Tradução literária para a formação de tradutores? E o que você acredita ser imprescindível para a formação do Tradutor literário?

A tradução literária é imprescindível para o aprimoramento da leitura. Como se diz comumente, traduzir é a forma mais atenta de ler. Acrescentaria, de ler criticamente. Traduzir é adentrar as entrelinhas do texto, abrir um universo do possível, do ponto de vista da interpretação. Traduzir é melhor entender a mecânica do texto literário, é apreender a diferença entre a linguagem poética e outros tipos de linguagens. Como diz Haroldo de Campos, a partir de Max Bense, traduzir o poema é sobretudo recriar sua informação estética. Além disso, abordar um texto literário é ter um contato privilegiado com o Outro, com outras margens, com outras culturas e formas literárias, o que é sempre enriquecedor, desde que a relação com o Outro se dê sem hierarquização, de forma horizontal, como uma "dança entre mundos", como disse Tiganá Santana na aula inaugural da PGET no segundo semestre de 2019. Ademais, no passado, era uma atividade central para o ensino de idiomas. Não há dúvida de que traduzir continua sendo uma estratégia para aprofundar a habilidade de leitura de outra língua. Traduzir é também uma forma de resistir, de lutar contra o imperialismo, contra a imposição

do mesmo, de um modelo cultural único, de uma visão estreita de mundo. Traduzir um texto literário, se o gesto buscar a mestria e o aprimoramento, é também uma forma de resistência ao mercantilismo, à automatização e aceleração das atividades humanas, como bem nos lembrou a historiadora Caroline Jaques Cubas no 5º Colóquio de Tradução (UFSC – 2019). Com efeito, traduzir literatura exige tempo e uma relação com um tempo outro, um tempo do estudo, apartado da lógica neoliberal de produção acelerada, afastado da experiência do efêmero e do fragmentado. Há aqui uma formação que não visa exclusivamente a prática, mas questões éticas. Ensinamos também uma forma de resistir.

Como você descreve o momento atual da área de Estudos da Tradução no Brasil e de que maneiras acredita que ela possa se consolidar e se desenvolver futuramente? Quais áreas da tradução você enxerga como mais promissoras e por quê?

A área dos Estudos da Tradução vem se fortalecendo no nosso país. Primeiro, podemos citar os programas de pós-graduação criados em nossas universidades, além dos cursos de graduação. Não há dúvida que o país possui atualmente, de norte a sul, grandes pesquisadores no campo dos Estudos da tradução, atuando em diferentes programas de pós-graduação. Estes pesquisadores são frequentemente importantes tradutores, vertendo textos de diferentes idiomas. O Brasil possui hoje pesquisadores/tradutores que produzem trabalhos de excelência, que nada deixam a desejar em relação a pesquisadores de outros países que se beneficiam, inclusive, de melhores condições de trabalho. Segundo, podemos observar uma maior presença dos tradutores nas obras que traduziram em edições que dão maior visibilidade à profissão e ao ofício, graças às famosas "Notas do tradutor", por exemplo. Vejam a tradução de *Laranja mecânica*, de Fábio Fernandes, publicada pela Aleph em 2004. É também significativo o espaço dado pelo editora Penguin-Companhia, em sua coleção "Clássicos", aos paratextos, inclusive às notas do tradutor. A tradução de meu colega Lawrence Flores Pereira do *Otelo* de

Shakespeare, publicada pela editora em 2017, possui mais discursos de acompanhamento (Torres) do que a obra teatral em si. Se já não está sendo realizado, um estudo do espaço que vem ganhando os paratextos, assim como o lugar do nome do tradutor, seria importantíssimo para melhor compreender essa mudança na situação da atividade dos tradutores no Brasil. É claro que esse maior reconhecimento deve ter uma relação com o crescimento dos Estudos da tradução no âmbito universitário. Alguns dos tradutores renomados hoje são também professores em instituições de ensino superior. Algumas editoras se deram conta, como afirma Paulo Henriques Britto num artigo de 2007, que uma boa tradução tem impacto sobre as vendas. Essa mudança de perfil do tradutor deve ter favorecido a profissão na esteira dos Estudos da Tradução no impacto mais significativo que vem tendo junto à sociedade. O caminho agora é lutar para que a remuneração seja valorizada e os direitos autorias reconhecidos pelas editoras que, vale lembrar, possuem diferentes políticas em relação a essas questões. É preciso enobrecer a profissão de toda e qualquer atividade de tradução, seja qual for o perfil do tradutor. Um dos caminhos talvez seja a visibilidade dada ao seu ofício nos paratextos. Claro, a situação do tradutor e dos Estudos da Tradução também sofre o impacto da realidade de nosso mercado editorial e das mudanças de políticas governamentais. No que tange ao desenvolvimento de pesquisas em outras áreas dos Estudos da Tradução, acredito que existem vários campos promissores como a legendagem/dublagem, a localização (tradução de Games e softwares), a tradução no domínio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a tradução de outras linguagens, como nas Histórias em quadrinhos (HQ's), para citar apenas algumas. Em outras palavras, traduzir é preciso, e por se tratar de uma atividade complexa, sempre necessitará da mão humana.

A sua pesquisa de doutorado ainda gera novos produtos? Quais outras pesquisas paralelas (projetos, grupos de pesquisa e etc.) você vem desenvolvendo? Quais áreas dos Estudos da Tradução ou dos Estudos literários têm lhe despertado interesse atualmente?

A minha tese de doutorado ainda gera frutos para basicamente duas linhas de pesquisa: estudos sobre o poeta Charles Baudelaire a partir de sua correspondência e a elaboração de reflexões mais teóricas sobre a tradução literária. É evidente que uma linha está estreitamente tencionada com a outra. Traduzo as cartas do autor das *Flores do Mal*. A tradução dessas epístolas dá maior acesso aos bastidores da obra e às atividades do poeta, crítico e jornalista parisiense. Ao mesmo tempo, problemas do campo da tradução literária, notadamente ligados à linguagem e ao gênero epistolar, obrigaram-me a elaborar reflexões teóricas já na minha tese. Portanto, minhas publicações e participações em eventos refletem essa duplicidade de interesses. Além disso, sou líder, junto com meu amigo Eduardo Veras (UFTM), de um grupo de pesquisa no CNPq intitulado Estudos baudelairianos no Brasil. Nos próximos anos, pretendo dar continuidade a essas duas linhas de pesquisa, e, paralelamente, dar sequência ao estudo de outras áreas, como a tradução de HQ's e Games. A tradução tem um futuro promissor, já que possui interfaces com inúmeras áreas e possibilita o contato entre comunidades.

ENTREVISTA COM GREICE BAUER

Morgana Aparecida de Matos[1]
Willian Henrique Cândido Moura[2]

Mestre e Doutora pela Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Tem experiência como professora e investigadora do processo de ensino-aprendizagem no âmbito da língua alemã e dos processos de interpretação e tradução. Atualmente é Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Santa Catarina (EGR/UFSC), desenvolvendo pesquisas nas áreas de Semântica, Semiótica e Iconografia.

Agradecemos sua disponibilidade em nos conceder esta entrevista e, para iniciarmos, gostaríamos de saber qual foi a sua motivação e como se deu sua inserção no Programa de Pós-Graduação em Design?

---

[1] Doutoranda da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Mestre em Relações Internacionais para o Mercosul (UNISUL). Especialista em Educação na Cultura Digital (UFSC); Licenciada em Letras – Inglês (UNIPLAC) e Espanhol (Univ. Metodista de SP); Bacharel em Relações Internacionais (UNISUL). Como bolsista CAPES-Excelência é pesquisadora de Tradução Audiovisual e Paratradução. Tradutora, professora e revisora de textos nos pares linguísticos inglês-português e espanhol-português.

[2] Mestrando da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Cursa a Especialização em Tradução Audiovisual de Espanhol da Universidade Estácio de Sá. É graduado em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Com bolsa do CNPq, desenvolve pesquisa sobre Tradução Audiovisual, Dublagem, Legendagem e Tabus Linguísticos. É tradutor e revisor de textos.

Minha pesquisa de mestrado foi dedicada ao estudo de representação de noções sobre língua e linguagem através de desenhos de crianças em fase de alfabetização em alemão e português. Minha investigação em grau de doutoramento visou o estudo de material politextual, isto é, composto de texto linguístico e iconotexto. Em outras palavras e recorrendo à terminologia simplificada, no doutorado, busquei examinar textos modais e a troca de sentido entre modalidades semióticas, mais precisamente, texto e desenho. Para fazê-lo, tomei como base a obra de Wilhelm Busch, um autor e ilustrador de nacionalidade alemã, conhecido por ser um dos precursores das histórias em quadrinhos. Como se constata, tanto meu tema de mestrado quanto de doutorado seguiram a mesma linha, ou seja: diálogo entre modalidades semióticas, investigado a partir de materiais plurissemióticos. De fato, considero essa modalidade de texto absolutamente indissociável, tanto em grau de tradução quanto de paratradução. Os textos multimodais formam, com efeito, entidades simbióticas altamente concatenadas. Dessa forma, visando manter vertente similar, busquei subsídios no Curso de Pós-Graduação em Design por diferentes razões: a primeira, como forma de evitar endogenia em termos método-epistemológicos e, evidentemente, teórico pontual. Junto ao Curso de Design, voltei meus interesses às bases da Animação, cujos suportes integram apontamentos para a elaboração de roteiros, incluindo caracterização e arco de personagens, os atos clássicos e jornadas, entre outros temas que me permitiram ampliar meus horizontes em termos tradutológicos, uma vez que a compreensão de aspectos de base da narrativa e mesmo das tramas constituem chaves imprescindíveis ao tradutor de materiais de natureza sequencial, como Histórias em Quadrinhos, Legendas de Filmes, Localização de Jogos, assim como tradução e paratradução de materiais Audiovisuais de outras naturezas, como é o caso da Publicidade e da Promoção de Produtos. Minha proposta de estudo foi bem recebida, pois, sendo a tradução um campo fundamentalmente interdisciplinar, pluridisciplinar e transdisciplinar, não poderia deixar de interessar à massa crítica da Pós-Graduação em Design, um campo com fronteiras amplamente abertas. O Prof. Dr. Milton Luiz Horn Vieira acompanhou

meu desempenho que conduziu à elaboração de um Manual para a Elaboração de Roteiros para Curtas de Animação que será lançado brevemente no mercado editorial.

Há alguma relação entre sua atuação profissional com alunos jovens (crianças e adolescentes) e seu objeto de pesquisa em seu pós-doutorado?

Toda e qualquer pesquisa ou atuação profissional na atual conjectura social, deve abranger não somente a questão formativa de jovens e adultos, mas também considerar a parcela cognitiva, social, idiossincrásica e psicanalítica dos aprendizes enquanto seres humanos. Meu objeto de estudo sempre esteve intimamente relacionado com minha atuação profissional. Como observa José Yuste Frías não há fronteiras estanques entre expressões artísticas, tanto em grau de produção quanto de crítica, sejam elas de cunho literário, tradutológico ou cinematográfico. As Histórias em Quadrinho, assim como os Desenhos de Crianças remetem diretamente às técnicas de *Storyboard* e de *Animatic*. Logo, meus objetos de estudo em termos de mestrado e doutorado estão intimamente ligados aos estudos realizados no Curso de Animação e Design, possuindo mais pontos em comum do que diferenças. Inclusive, no próprio Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, há um grande número de trabalhos dedicados à legendagem e à legendação, à audiodescrição, à localização de jogos, assim como ao estudo de Histórias em Quadrinhos. De fato, não realizei nenhuma ruptura. Simplesmente, busquei ampliar meus horizontes teóricos e metodológicos. Esse ensaio me conduziu a considerar que a tradução e a interpretação possuem um amplo cabedal de conhecimentos úteis aos profissionais da área de Design, assim como o Design possui um leque de propostas essenciais à formação do tradutor.

Como você bem expôs em sua comunicação no SEPGET, há poucos estudos relativos à criação e adaptação de roteiros literários

para a produção de curtas de animação. Você pode explanar sobre seus desafios nessa pesquisa, uma vez que dialoga entre o cinema, a literatura e a produção técnica?

A Literatura, a Tradução e, inclusive, a arte cinematográfica constituem ciências com bases método-epistemológicas bastante aprofundadas e, por conseguinte, dispõem de ampla tradição científica. Logo, o desafio para a elaboração de roteiros para curtas de animação concerne tão somente ao trabalho de pesquisa realizado com dedicação e baseado no máximo de referenciais canônicos, no caso presente, se estendendo de Gérard Genette à Walter Benjamin, passando por Christopher Vogler, Joseph Campbell, Robert McKee, entre outras referências que oferecem as principais bases necessárias para que os escopos firmados na apresentação da investigação sejam atingidos. O campo da Animação, como disciplina, vem conquistando importante espaço, não somente enquanto formação acadêmica – fórum no qual se desenvolvem práticas, teorias e técnicas – mas também em termos de produtos comercializáveis. Atualmente as bases método-epistemológicas que sustentam as pesquisas no campo da roteirização e direção com vistas ao desenvolvimento de produtos animados se baseiam, sobretudo, em modelos estrangeiros, citados anteriormente. Esses modelos enfatizam a produção de longas metragens (90 e 120 minutos). Minha pesquisa visou o desenvolvimento de um guia de procedimentos metodológicos voltado à prática da roteirização e direção desenvolvido exclusivamente para a fase de pré-produção para curtas de animação. O desafio consistiu na elaboração de um Guia para o roteirista, apresentado em linguagem acessível, exposto de forma clara e objetiva, apresentando as principais etapas de pré-produção, de produção e pós-produção para roteiro de curtas de 1 a 5 minutos.

Nossa curiosidade também se estabelece na relação que você possa fazer entre os Estudos da Tradução e a elaboração de roteiros literários para curtas de animação, uma vez que seus

estudos se centram nas modalidades semióticas. Você pode nos dizer se é possível inserir a tradução em sua pesquisa?

Em se considerando que nenhum tipo de tradução pode ser realizado sem a consideração dos diferentes patamares inerentes ao estudo das línguas, cabe lembrar que os estudos semióticos (ou semiológicos) se situam em um nível hiperonímico, se sobrepondo literalmente às Ciências da Tradução e inclusive das Linguagens. Logo, assim como é impossível colocar fronteiras estanques entre interpretação e tradução, também não seria sensato separar os Roteiros Literários das Ciências Literárias ou da Teoria da Literatura. A tradução consiste sobretudo em transferir sentidos e não exatamente formas, salvo casos raros em que se busque correspondências entre traços suprassegmentais com vistas à manutenção de rimas e versos, ou seja, que o escopo da proposta vise a sonoridade. Nos demais casos, definitivamente, não há como tratar de narrativa, enredo, criação de personagens, elaboração de diálogos, sem pressupor representação e recriação. Como observa José Yuste Frías, a tradução constitui um processo que se realiza em um espaço de diálogo não exatamente binário e opositivo, ou seja, implicando duas forças dinamogênicas colocadas uma diante da outra. O "ducto" percorrido pelo objeto a ser traduzido pode ser comparado à um *carrefour* permeado por diferentes vertentes. A esse espaço, Gérard Genette atribui o nome de *Seuil*, que pode ser traduzido por "zona fronteiriça", "umbral", espaço de negociação. O título *Seuil*, foi traduzido por Álvaro Faleiros por "*Paratextos Editoriais*", decisão que, de certa forma, deturpou o sentido do título do autor francês. De fato, o texto traduzido não é o texto de base, ao mesmo tempo não deixa de trazer suas marcas. Como observa Serge Tisseron, o próprio da tradução é de se situar sobre uma crista, a tradução não é nem presença, nem ausência, mais um *seuil*. Isto naturalmente a transforma em agente mediador. A elaboração de roteiros literários quase sempre implica trabalho paratextual. O paratexto, no sentido genettiano, possui a capacidade de completar, transformar, acrescentar. A adaptação, por exemplo é uma arte amplamente desenvolvida e intimamente ligada aos estudos

interpretativos e tradutológicos. Novamente, caberia pensar em juntar pontos em comum, evitando sublinhar diferenças. Um dos princípios basilares das línguas, à luz da Linguística, consiste em considerar que sempre se encontrarão mais pontos em comum do que disparidades e/ou dualidades opositivas.

Agora, pensando em sua trajetória acadêmica, você pode nos dizer se houve algum evento, disciplina ou professor(a) específico que a tenha motivado a seguir com suas investigações, que fizeram parte de sua vivência na PGET?

Durante o período de meu mestrado e doutorado tive a oportunidade de compartilhar conhecimentos com pesquisadores que, de certa forma, abriram meus horizontes referentes à pesquisa científica. Primeiramente meus orientadores de mestrado: Prof. Dr. Ronaldo Lima (UFSC) e Prof. Dr. José Lambert (Katholieke Universiteit Leuven), meus orientadores de doutorado: Prof. Dr. Berthold Zilly (Freie Universität Berlin) e Prof. Dr. Alain-Philippe Durand (University of Arizona), que me instigaram deslocar minhas percepções, propondo a arte de "desconsubstancializar" como procedimento psicanalítico fundamental à criação de novos olhares, cujo foco conduziu à busca por materiais de base provenientes de vertentes teóricas próprias a ciências anexas à tradutologia. O Prof. Dr. Mamede Jarouche (USP) também contribuiu através de suportes bibliográficos que me trouxeram importantes aportes, sobretudo em termos paratradutológicos. Cito particularmente sua tradução e notas de *Kalila e Dimna*, assim como os apontamentos apresentados nos quatro volumes da tradução de *As Mil e uma Noites*. Cabe, finalmente, lembrar os ensinamentos pessoais do Prof. Dr. José Yuste Frías (Universidade de Vigo), ligados aos seus prolongamentos da obra *Seuil* de Gérard Genette. Sua noção de paratradução, não poderia deixar de integrar minhas bases teóricas e metodológicas. A noção de politexto como entidade indissociável foi fundamental à análise dos textos em verso de Wilhelm Busch, assim como as minhas investigações

mais recentes, dedicadas à fixação de bases para a elaboração de Roteiros para Curtas de Animação.

Um dos campos de estudo dos Estudos da Tradução é a Tradução Audiovisual. Muitos tradutores audiovisuais realizam suas traduções de legendas e de dublagem pautados no roteiro do material audiovisual que estão traduzindo, como um filme ou uma série, por exemplo. Você acredita que seja possível estabelecer uma relação entre o material que você está desenvolvendo atualmente em seu pós-doutorado e os Estudos da Tradução Audiovisual? Acredita que esse material sirva como aporte teórico para pesquisas em Tradução Audiovisual e Animação?

O espaço referencial da literatura possui diferentes graus de manifestação. Temos a arte literária expressa em prosa, em verso. Temos a arte literária acompanhada de desenhos, como no caso de Raul Pompéia, Antoine de St. Exupéry, Lewis Carroll, Wilhelm Busch, entre outros. Há ainda livros compostos somente por iconotextos, como *Zoom* e *Rezoom* de Istvan Banyai. No contexto atual, há uma série de games cuja localização se faz necessária como forma de atingir – através da oferta de versões em diferentes línguas – mercados mais amplos. Mesmo no caso de expressões exclusivamente em prosa, há textos cuja parcela ecfrástica ou descritiva, como é o caso de Honoré de Balzac, permite romper com a ideia restrita de que é possível definir fronteiras estanques entre o texto e a imagem. Aliás, o texto linguístico é apreendido através da visão, logo, também constitui imagem. Mesmo nos casos em que o texto seja decodificado e processado através do tato, como é o caso do braile, ele continuará constituindo imagem. Em síntese, antes de se estratificar e estabelecer diferenças desnecessárias entre expressões artísticas, talvez fosse mais produtivo, do ponto de vista tradutológico, buscar ver semelhanças entre as representações e suas apreensões. A Tradução Audiovisual, aliás, constitui um domínio amplo, que vai da visualização (exegese da imagem) à audiodescrição (texto oral). De modo breve, a estratificação dos Estudos da Tradução em diferentes

subdomínios não deveria ser vista como estratificação. A Tradução e Interpretação de produtos de natureza audiovisual constituem tão somente tendências, isto é, mesmo que a centralidade sobre determinado tópico constitua a força dinamogênica que embala determinado estudo, toda e qualquer responsabilidade tradutológica deverá permear as bases método-epistemológicas da Tradução e das demais disciplinas evocadas durante o processo. A tradução é, com efeito, a melhor exegese que se pode fazer de um texto (*large sens*). Por sua vez, nem a análise, tampouco a crítica, podem abrir mão de conhecimentos de disciplinas que permearam o processo tradutológico. O papel da arte de traduzir não consiste somente em transportar o texto para outra modalidade semiótica, mas sobretudo de prepará-lo para ser recebido por outro *ego* em novo *hic* e *nunc*.

Para encerrar nossa entrevista, gostaríamos de saber quais são seus projetos futuros? Pensa em desenvolver novos projetos a partir dos resultados da sua pesquisa de pós-doutorado? Pretende tentar relacionar novas pesquisas em torno de Design e Estudos da Tradução, tendo em vista que a Semiótica permeia campos de estudos em ambas áreas do saber?

A pesquisa científica, circunscrita a um objeto ou disciplina, sobretudo em se tratando de Estudos da Tradução, tenderá ao fenecimento, uma vez que tal ciência se mostra essencialmente interdisciplinar, pluridisciplinar e inclusive transdisciplinar, sendo amplamente dinâmica. Grandes nomes da tradução, como Umberto Eco, Jorge Luis Borges, Walter Benjamin, nunca fecharam seus leques de interesses; pelo contrário, abordaram o máximo de temas à luz de diferentes óticas. Quando se trata de considerar a parcela semiótica de representações artísticas, cabe considerar as simbioses gerada pelas linguagens, a ponto de se permitirem gerar diferentes estéticas. Além da publicação do *Manual para a Elaboração de Roteiros para Curtas de Animação*, vislumbro dar continuidade a outros projetos em andamento, como por exemplo, a tradução de textos de Theodor Storm. Também pretendo

ampliar meus estudos voltados à tradução e paratradução de trabalhos de Wilhelm Busch. Finalmente, no próximo ano realizarei um segundo pós-doutorado junto à University of Arizona, sob a supervisão do Prof. Dr. Alain-Philippe Durand, meu coorientador de doutorado, sobretudo em razão do amplo volume de obras especializadas disponíveis nos acervos das bibliotecas norte-americanas.

ENTREVISTA COM
GISELE TYBA MAYRINK ORGADO

Márcia Monteiro Carvalho[1]
Rosangela Fernandes Eleutério[2]

Pós-Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), possui Mestrado e Doutorado em Estudos da Tradução (PGET/UFSC). Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Letras-Inglês (UFSC). Pesquisadora sobre os Estudos Japoneses no Brasil, nas áreas de língua, literatura e cultura japonesa, pela Fundação Japão, desde 2011. Possui experiência com tutoria, orientação pedagógica e educacional (PROEX-UFSC). Atuou como professora de Português como Língua Estrangeira e como Professora de Inglês (2017 e 2018). Atua desde 2015 como professora de Língua e Cultura Japonesa no Curso Extracurricular de Idiomas/Projeto de Extensão do DLLE, do Centro de Comunicação e Expressão (UFSC). Participa do Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português Língua Estrangeira (UFSC) e do Projeto de Pesquisa BanCo: Banco de Colocações Léxicas, desenvolvido no CALEPINO: Núcleo de Lexicografia Bilíngue da UFSC.

Vemos em seu currículo Lattes que você tem uma ampla experiência na área de tradução de língua japonesa, sobretudo literatura. Poderia nos contar como sua experiência em língua e

---

[1] Professora efetiva da Universidade Federal do Pará UFPA/Campus Abaetetubasil. Doutoranda em Estudos da Tradução (UFSC/2016-2020). Mestra em Letras/Linguística (UFPA/2012). Especialista em Docência de LIBRAS-FTED (2010). Intérprete de LIBRAS-ASTILP (2008). Graduada em Letras-Português (2004-2008).

[2] Doutoranda em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC). É mestra em Estudos da Tradução e licenciada em Letras – Língua e Literaturas Espanhola (UFSC).

cultura tão diferente da língua portuguesa impactou sua maneira de ler, interpretar e traduzir textos literários?

Sinceramente, minha experiência está aquém do que eu gostaria que fosse. Meu desejo real seria ter ingressado em uma licenciatura em Letras-Japonês, para poder me dedicar com mais afinco aos conhecimentos linguísticos do idioma, pois penso que assim eu teria uma base teórica mais estrutural, considerando-se que meu aprendizado da língua se deu, de certa forma, por imersão social. Porém, atualmente, os cursos de graduação na área só existem em universidades em outros estados do país – especificamente na UFRGS, UFPR, UFRJ e UERJ, USP e UNESP, UnB e UFAM. Neste sentido, embora todo o aprendizado e envolvimento que tenho com a língua, e o uso que faço da mesma para o meu trabalho, exija uma dedicação ímpar, é algo que faço genuinamente por admiração e devoção à cultura. De certo modo, acredito que minha determinação pessoal, que acabo aplicando ao lado profissional, se deve ao aprendizado adquirido e às experiências vivenciadas naquele país, e são o resultado de uma herança que sempre carregarei comigo. Realmente o japonês e o português são línguas diametralmente distintas entre si, e igualmente o é a cultura. Lidar com este desafio nos tira da nossa posição de segurança, da zona de conforto, que seria trabalhar com línguas mais próximas entre si, e diante de tal adversidade, eu me sinto estimulada e desafiada a fazer um trabalho cada vez melhor.

É muito interessante observar que você escolheu japonês como língua de pesquisas e traduções. Poderia compartilhar como se deu a aprendizagem do idioma, a relação afetiva com a cultura japonesa e se acredita uma pessoa ser perita em duas línguas tão distintas?

A escolha dessa língua tem uma razão muito forte: minhas raízes. Tenho ascendência japonesa e tive a oportunidade de morar no Japão por quase uma década. Quando retornei ao Brasil era muito claro pra

mim que deveria trabalhar com a língua, a cultura e tudo o que vivenciei durante esse período. A experiência adquirida no Japão, somadas às pesquisas acadêmicas na área, geraram a motivação de apresentar e compartilhar em âmbito acadêmico, interno e externo à UFSC, todo este aprendizado e as oportunidades experimentadas, buscando, assim, divulgar a língua e a cultura japonesa para além dos *mangás* e *animes*, e contribuir para a construção de um conhecimento que não se limita ao imaginário de um Japão como o país das gueixas ou da tecnologia de ponta.

Tal envolvimento se dá, principalmente, por observar-se, em uma escala cada vez mais crescente, grande movimento de interação cultural entre países ocidentais e o Japão. Esta movimentação é fortemente apreciada principalmente no Brasil, país que abriga hoje a maior colônia de descendentes e de japoneses, consolidando uma longa história de intercâmbio cultural e econômico. Todavia, não somente os descentes de japoneses nutrem uma admiração pelo Japão a fim de resgatar suas origens, mas um número expressivo de não-descendentes busca cada vez mais aprender a língua, se inteirar sobre a cultura e os costumes japoneses, e compartilhar experiências.

Como você faz para se manter atualizada com relação aos livros, filmes, notícias e demais temáticas japonesas pertinentes às suas pesquisas e ao mesmo tempo estabelecer uma relação intercultural entre língua japonesa e portuguesa?

Como dito anteriormente, ainda é um campo de pesquisas em expansão no país, e esta é mais uma das razões principais pela qual não somente as entidades voltadas aos estudos japoneses no Brasil, mas o próprio governo japonês, investem continuamente em ações com o objetivo maior de difundir e incentivar o intercâmbio entre as nações, principalmente estreitar os laços nipo-brasileiros, considerando-se a trajetória histórica entre os dois países. No ano de 2008 foi celebrado o "Centenário de Imigração Japonesa no Brasil", mas os acordos bilaterais deram-se antes mesmo da vinda dos imigrantes nipônicos em 1908, pois

em 1895 foram oficializadas as relações diplomáticas entre estes dois países com a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação. Em função destes estreitos laços criados entre Japão e Brasil, no ano de 2015 comemorou-se os "120 Anos de Amizade Japão-Brasil", com a realização de diversos eventos em ambos os países.

Ademais, o governo japonês investe regularmente na divulgação cultural do país, e são várias as formas de intercâmbio proporcionadas, como por exemplo, as bolsas de estudo ofertadas pelo MEXT – Ministério da Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia do Japão; do MOFA – Ministério das Relações Exteriores; além de agências governamentais como a JICA – Agência de Cooperação Internacional do Japão; e entidades não-governamentais sem fins lucrativos como a Fundação Japão. Um número expressivo de escritórios e representações destas entidades estão presentes em diversos países nos 5 continentes.

Posso garantir que são oportunidades únicas, pois desses exemplos citados, eu mesma já tive a oportunidade de voltar ao Japão outras duas vezes por ter sido contemplada com bolsas de estudos oferecidas pela Fundação Japão (2011) e pelo MOFA (2017). Atualmente mantenho-me com contato frequente com o Consulado do Japão, em Curitiba, e a Fundação Japão, em São Paulo, a fim de me manter atualizada sobre eventos, oportunidades, pesquisas na área, congressos, festivais, etc. A troca é constante!

Você já traduziu textos fora da sua área de especialização? Se sim, poderia nos contar qual procedimento você seguiu para traduzir temas que não são do seu domínio como, por exemplo, termos técnicos?

Profissionalmente ainda não tive a oportunidade de trabalhar com termos técnicos, mas tive a experiência de traduzir textos formais, isto é, documentos necessários à situação de regularização de permanência no país, junto à Prefeitura local e também ao Departamento de Imigração, meus e de colegas com quem convivi no Japão. Confesso que foi algo bem diferente dos trabalhos que desenvolvo atualmente, até porque

havia uma grande responsabilidade e pressão exercidas pelo fato de tais documentos não poderem ter quaisquer erros, pois as consequências poderiam ser arduamente prejudiciais.

Na sua opinião, existem diferentes níveis de dificuldades em se traduzir textos literários de não literários? Quais seriam os principais deles?

Esta é uma pergunta capciosa. Em minha opinião é muito difícil – e talvez até injusto – determinar se um texto é mais fácil ou mais difícil de traduzir que outro. Cada texto é único. E cada texto tem, enquanto entidade "viva" que é, suas próprias peculiaridades. O nível de dificuldade depende de uma série de fatores relacionados não somente ao texto, mas igualmente às línguas envolvidas, à habilidade do tradutor e seu conhecimento linguístico, cultural, e, certamente, do objeto de sua tradução. Posso dizer, de certa forma, que minha pesquisa atual do Pós-doutorado tem sido algo que foge ao que até então estava habituada.

Neste projeto, intitulado "Paremiologia nipo-lusófona: provérbios equisemânticos em japonês e português" venho investigando o uso de provérbios em três idiomas: o japonês, o português variante brasileiro, e o inglês como língua intermediária entre os dois primeiros, justamente por não haver ainda qualquer publicação desta temática entre esses pares linguísticos. A intenção é analisá-los com relação a aspectos linguísticos e semânticos, refletindo, principalmente, sobre a importância das questões culturais e interculturais presentes no processo de tradução destes. Tem sido bastante desafiador, uma vez que a questão tradutória não se limita ao idioma unicamente – o que já seria, por si só, um árduo trabalho. Mas a questão segue além, pois conduz a considerar uma série de aspectos que permeiam este tipo de tradução, entre as quais a oposição entre a literalidade e o sentido. Sob a ótica de Antoine Berman, por exemplo, uma tradução literária não seria uma adoção restrita de palavras do texto a ser traduzido, e sim um ajuste dos idiomas envolvidos, respeitando-se ambos, sem que isso violasse a estrutura do alvo, mas de modo que a origem pudesse ser percebida. Essa afirmação é corroborada

por Umberto Eco, para quem traduzir é estar em constante negociação com o texto de partida, mas também com o texto de chegada, pois a tradução seria o produto resultante da convergência de orientações provenientes de diversos polos, isto é, as escolhas ultrapassam as equivalências meramente gramaticais.

Considerando que os provérbios de uma língua têm, muitas vezes, equivalentes em outra língua; outros, no entanto, apesar de sua similaridade, possuem significados completamente distintos, para o tradutor, este fazer tradutório mostra-se como um desafio ainda maior, uma vez que este deve encontrar um possível correspondente na língua de chegada, mantendo a mensagem proposta inicialmente, bem como sua estrutura, além de verificar o quanto as inevitáveis alterações no léxico entre língua fonte e língua alvo não trariam problemas para a coerência interna do texto, principalmente porque os provérbios não são palavras aleatoriamente aglutinadas com o objetivo de dizer algo, elas têm forma própria, têm ritmo, cores e métrica.

Outro fator a ser considerado na tradução dos provérbios é que estes são recebidos como fruto de uma sabedoria coletiva, e não como produções de um sujeito enquanto indivíduo. É como se pertencessem mais ao patrimônio da língua do que ao fazer individual da fala, sendo considerados como um todo, e não como cada um dos seus elementos constitutivos – a unidade de tradução. Nestes casos, ainda que não haja consenso em se tratar da melhor solução, talvez a busca por equivalentes – quando possível – seja a opção mais adequada. No caso desta pesquisa, em se tratando de línguas bastante distintas, percebo que poderei encontrar muitas restrições situadas no limiar entre tradução literal e tradução do sentido, bem como entre equivalências e correspondências.

Você poderia nos dar um exemplo de um trabalho que desafiou suas habilidades como tradutora?

Posso falar, sem dúvidas, que um dos trabalhos mais desafiadores foi o que desenvolvi durante meu Doutorado na PGET. A ideia inicial era trabalhar com a tradução de provérbios – o que venho realizando

agora, no Pós-doutorado –, no entanto, pouco tempo após a apresentação do projeto de pesquisa, me deparei com a obra *Genji Monogatari*, de autoria atribuída a Murasaki Shikibu. Esta obra clássica e todas as suas especificidades foram muito atraentes, uma vez que é considerada como o primeiro 'romance' literário escrito por uma mulher, mais de mil anos atrás, entre os séculos X e XI – vale ressaltar que Romantismo só surgiria a partir do século XVIII, o que configurou-se, desde o início, como um desafio ao tentar atribuir um gênero à obra. Apesar de seu reconhecimento internacional, embora à época do doutorado seus dois tomos contassem com traduções para mais de 30 idiomas, não havia – e ainda não há – uma tradução para o português brasileiro.

Justamente por ter sido escrita no Japão antigo, especificamente no período Heian (794-1185), a complexidade do estilo adotado com diálogos escritos em forma de verso, o uso de terminologias e expressões próprias àquele tempo, além de seus entornos antropológicos, sociológicos, culturais e linguísticos, faz com que o texto seja de difícil leitura inclusive para leitores atuais, ainda que em língua japonesa. Nesta perspectiva, as traduções para japonês moderno se tornaram cruciais para o conhecimento da obra da autora. De modo similar, sua tradução para outros idiomas também permitiu solucionar, de certa forma, os obstáculos existentes para leitores que não dominam a língua japonesa. Sendo assim, minha pesquisa foi direcionada aos paratextos editoriais que acompanham a obra, bem como suas respectivas paratraduções – termo cunhado por José Yuste Frías. Como resultado, apresentei um seleto número desses elementos paratextuais utilizados nas obras traduzidas em três edições em língua inglesa, uma edição em espanhol e uma em português europeu, fazendo um cotejo com duas edições em japonês moderno.

Adicione-se a todos esses revezes mencionados a dificuldade em dispor de material de pesquisa. Apesar do empenho e das muitas horas gastas em buscas nas bibliotecas locais, e mesmo internacionais (durante o período de doutorado-sanduíche na Universidade do Arizona), reconheço que o progresso da pesquisa a contento foi possível graças à

bolsa com a qual fui contemplada para ir ao Japão, e que me permitiu fazer uma extensa pesquisa, localizar vasto material disponível na Biblioteca Nacional de Tóquio e na biblioteca da própria Fundação Japão em Osaka, além de visitas a diversos museus em Tóquio e Kyoto – província natal da autora e onde teriam vivido os personagens e se passado a narrativa, onde pude contemplar a beleza e a grandiosidade da obra através das homenagens prestadas e dos acervos cuidadosamente mantidos. Acredito que sem essa oportunidade, talvez não tivesse conseguido me abastecer do farto material que me permitiu desenvolver o trabalho com tanta riqueza de detalhes.

Poderia nos contar como sua pesquisa no mestrado, realizado na PGET, contribuiu para seu amadurecimento sobre tradução e o que a levou a seguir para a pesquisa em tradução literária no doutorado?

Devo admitir que minha iniciação na PGET não foi algo tão simples assim. Foi na verdade um recomeço após um longo tempo fora do país, e muito tempo afastada do meio acadêmico. Retornar para uma sala de aula em que seus colegas estão, em sua grande maioria, recém-formados na graduação, me fez sentir, por vezes, como um peixe fora d'água, principalmente porque minha primeira formação havia sido em Jornalismo, e não na área de Letras ou Tradução. Mas fui muito bem acolhida desde o princípio, pelas pessoas envolvidas com o programa, pelos colegas e também pelos professores com quem tive os primeiros contatos nas disciplinas especiais que cursei em 2008 – 'Tradução e Ruptura', com o Prof. Ronaldo Lima, 'Tradução e Cultura', com a Profa. Marie-Hélène Torres, e 'Tradução de Literatura Infanto-juvenil', com o Prof. Lincoln Fernandes, que tratou de uma temática que muito me agrada, pois me permitiu – e permite até hoje – unir o útil ao agradável, ou seja, desenvolver trabalhos de pesquisa com satisfação e prazerosamente. Foi um dos motivos pelos quais me inspirei a desenvolver a dissertação de mestrado tendo como objeto o filme de animação japonesa "A Viagem de Chihiro" (2001), de Hayao Miyazaki,

ganhador do Oscar em 2003. A temática da tradução audiovisual me encanta até o momento presente, tanto que foi a opção feita para a minha primeira disciplina ministrada na PGET este ano (2019).

Acredito que esse trabalho inicial foi um excelente 'primeiro passo' dentro do campo dos Estudos da Tradução, considerando minha condição de neófita na área. Deste modo pude me familiarizar com as temáticas e me permitir uma evolução gradativa. Como mencionei anteriormente, minha intenção para a pesquisa de doutorado, não era, na verdade, trabalhar com literatura, mas quando me deparei com a oportunidade, acreditei que teria condições e aceitei o desafio – lançado por mim e pelo meu orientador, Prof. Ronaldo Lima. Mal sabia eu da responsabilidade que estaria assumindo ao encarar tal desafio e me aventurar por este caminho, pois não tinha noção das dimensões que tomaria a pesquisa ao trabalhar com este cânone da área de estudos japoneses, e deste modo. Posso garantir que valeu a pena!

Tendo como referência sua experiência individual em tradução e ensino, você incentivaria seus alunos a seguir carreira nessas áreas?

Sem dúvida! Não me imagino realizando outro tipo de trabalho. Eu tenho paixão pelas duas áreas e acredito que muito pode ser explorado a partir dessa confluência. Como disse anteriormente, minha investida inicial junto ao meio acadêmico foi na área de Comunicação Social, e apesar da descoberta e o envolvimento com as línguas e com culturas diversas, e o vislumbre da infinidade de portas que se abrem ao redor dessas duas instâncias que, na verdade, andam sempre de mãos dadas, surgirem quase ao acaso do destino, fez brotar em mim uma semente que não parou de crescer desde então. Se eu puder, de alguma forma, inspirar ou incentivar profissionalmente meus alunos, e expandir esse estímulo também aos que estão ao meu redor, de modo que escolham trilhar caminhos semelhantes, o faria com todo apreço. Existe um mundo inteiro ao nosso dispor. Por que razão deveríamos nos limitar a um espaço restrito ao nosso redor somente com tamanha infinitude à

nossa disposição? O fato é que se consideramos a cultura como componente indissociável das línguas – e ambas são belíssimas –, nesta relação intrínseca, a tradução configura-se um recurso crucial à preservação das diversidades inerentes às culturas, visto que garante a sobrevida dos textos desde um passado longínquo aos tempos mais modernos e ainda por vir, aqui e acolá. Sendo assim, concluo apropriando-me das palavras do Nobel de literatura José Saramago, ao afirmar que "são os autores que fazem as literaturas nacionais, mas são os tradutores que fazem a literatura universal".

ENTREVISTA COM
JOSÉ ENDOENÇA MARTINS

Karolline dos Santos Rolim[1]
Rafaela Marques Rafael[2]

José Endoença Martins nasceu em Blumenau (SC). Estudou na Universidade Regional de Blumenau, onde se formou em Letras (Inglês/Português). Tem mestrado e doutorado em Inglês e Literatura Correspondente (UFSC), com tese intitulada *A politics of conversion: from nihilism to love in Toni Morrison's fiction*. Também tem doutorado em *Estudos da Tradução* pela Universidade Federal de Santa Catarina, com a tese *Tradição, Migração, Tradução: Triangulações Raciais e Linguais na Literatura Afrodescendente Traduzida no Brasil*. É poeta, escritor e ensaísta. É professor aposentado da Universidade Regional de Blumenau (FURB), onde também foi editor da *Revista de Divulgação Cultural da FURB*. Atualmente, é professor de Literatura Afrodescendente no Programa de Mestrado em Práticas Transculturais, na UNIFACVEST, em Lages (SC). Atua nos seguintes temas: negrice, negritude, negritice, ficcionalização, niilismo, amor, gênero, raça, identidade, gênero, pós-modernismo, intertextualidade e *Signifying, rewriting, translation.*

Sono nera e italiana. Ma sono anche somala e nera. Allora sono afroitaliana? Italoafricana? (...) Sono un crocevia, mi as. Um ponte,

---

[1] Possui Bacharelado em Tradução pela Universidade Federal de Ouro Preto. É Licenciada em LetrasPortuguês/Inglês e Respectivas Literaturas pela Faculdade Santa Rita. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina.

[2] Doutoranda em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC), mestra pelo mesmo programa e licenciada em Letras - Português/Espanhol pela Universidade Estadual Paulista- "Júlio de Mesquita Filho", Campus Assis. Áreas de interesse de pesquisa: tradução especializada, socioterminologia, discurso especializado.

> *um'equilibrista, uma che è sempre in bilico e nonlo è mai. Alla fine sono solo mia storia. Sono io e i miei piedi. Si, i miei piedi (IGIABA SCEGO, La Mia Casa è Dove Sono, 2012, p. 33-34).*

A epígrafe acima, retirada do romance *La Mia Casa è dove Sono (2012)*, da escritora negra e também italiana, Igiaba Scego, introduz, de forma pessoal e autobiográfica, a questão da tradução humana, quando realça elementos de identidade como mobilidade intercultural e entre raças distintas. Vistas assim, as palavras de Scego antecipam muitas das minhas considerações a respeito do tema quando me ponho a responder às indagações das organizadoras do questionário.

De antemão, saliento que, conscientes ou inconscientes, minhas considerações sobre a tradução se encaminharam naturalmente àquilo que os teóricos chamam de *tradução cultural*, mas eu prefiro nomear *tradução racial*.

Discorra sobre sua trajetória com a tradução da literatura africana, perpassando pela(s) língua(s) africana(s) envolvida(s) no processo e no seu conhecimento/familiaridade/identificação com ela(s).

Por trás do meu envolvimento com a tradução se encontra o conceito da *Signifyin(g)*, cujo idealizador, o crítico literário afroamericano Henry Louis Gates (1988), o define como conversa entre dois textos negros, através de processos específicos de *repetição*, *revisão*, *imitação* e *diferença*. O diálogo presente no seio da intertextualidade literária negra coloca, em primeiro plano, a *Literatura Negra* como produção de ficção, o que também inclui todas as demais literaturas afrodescendentes criadas por escritores negros provenientes da África, das Américas, do Caribe e da Europa. Assim, percebe-se que, na perspectiva que esposo, a ficção negra pertence ao contingente produtivo de uma literatura negra que se olha a partir de uma transcontinentalidade afrodescendente. É, certamente, o teor transcontinental o que embasa o diálogo interracial *transmente*. Como exemplificação da transcontinentalidade negra, convido a considerar as possíveis conversas intertextuais entre *Things Fall Apart*

(1958), *Beloved (1987)*, *Defeito de Cor (2006)*, *La Migration des Coeurs(1995)*, *Autobiografía de un Esclavo(1995)*, *Io, Venditore di Elefanti (1990)* e *Daheim unterwegs*: *Ein deutsches Leben (1998)*: uma antologia pessoal de narrativas negras desde a Nigéria até a Alemanha, em termos geográficos; desde o inglês até o alemão, em perspectiva linguística. Imaginem o leitor e a leitora as nuances semânticas, linguísticas, estilísticas e raciais de repetição, revisão, imitação e diferença textuais que esta longa lista da *Signifyin(g)* suscita.

Vista a partir da sua intertextualidade transcontinental, a *Signifyin(g)* se revela um conceito negro bastante produtivo. Esta produtividade literária é levada também para o campo da tradução negra, igualmente como experiência intertextual e, por isso, dialógica substancialmente. Na verdade, sinto-me feliz em ter encontrado no conceito literário da *Signifyin(g)* o ponto de partida para minha experiência com a tradução porque, como o conceito literário sugere, a tradução também pode ser caracterizada como um diálogo intertextual, marcado por diferenças e semelhanças linguísticas e culturais entre o texto **A** e o texto **B**. Trata-se, se colocado de maneira simples, de processo de chamada e resposta. No diálogo tradutório, o texto **A** chama, e responde o texto **B.**

Autobiograficamente, posso afirmar que, na minha evolução de negro literário para negro tradutório, o caminhar acadêmico com a tradução se dá depois de longo contato com a literatura, de modo geral, e com a *Literatura Negra*, de maneira particular, como professor, pesquisador e escritor. Meu primeiro doutorado se articula sobre a *Signifyin(g)* como teoria literária na pesquisa *A Politics of Conversion: Nihilism and Love in Toni Morrison's Fiction* (UFSC, 2002). No texto, configuro uma dinâmica que se alonga por quatro níveis distintos, entre os séculos 19 e 20 da literatura afro-americana: as narrativas espirituais, as narrativas de escravos, as neonarrativas de escravos e os romances de Toni Morrison, percebidos e considerados em diálogo narrativo. Meu segundo doutorado se converte, então, na transformação da *Signifyin(g)* literária em *Signifyin(g)* translatória, tendo em vista que a tradução negra também estabelece falas entre dois textos negros. Intitulada de *Tradição, Migração, Tradução: Triangulações Raciais e Linguais na Literatura Afrodescendente*

Traduzida no Brasil (UFSC, 2013), a pesquisa considera as potencialidades da *Signifyin(g)* – ou seja, da conversa intertextual negra – tanto no campo da descrição das equivalências translacionais entre língua **A** e língua **B**, quanto na esfera da tradução racial (cultural) de sujeitos negros ficcionais.

Ainda sobre sua trajetória com a tradução da literatura africana, identifique seu fazer tradutório a partir da conceituação proposta por Pym (2012) - quem considera que dentro dos Estudos da Tradução, a maior parte das teorias se organiza de acordo com 6 conceitos: a equivalência, a finalidade (escopo), a descrição, o indeterminismo, a localização e a tradução cultural Dialogando com a pergunta anterior, mesmo sabendo que, provavelmente, sua prática tradutória está assentada sobremaneira nas perspectivas culturais, que outras bases teóricas, dentre as mencionadas, estão contidas nesse fazer tradutório, pensando na proposta de trabalho que é desenvolvida com o texto base para a proposição do texto meta?

Com base na dinâmica da intertextualidade dialógica que caracteriza o conceito da *Signifyin(g)*, desenvolvo a discussão da tradução de ficções negras a partir da análise comparativa entre o texto fonte e o texto meta de uma mesma obra literária escrita por escritor negro. A análise se ata aos conceitos da *Paralatio*, *Similatio* e *Translatio*, que privilegiam a diferença, a semelhança e a hibridização translatória entre os dois textos envolvidos no processo tradutório. É neste contexto das três noções que se pode dimensionar a presença ou ausência dos seis estágios que Pym (2010; 212) estipula para a tradução. No processo analítico e comparativo do original com a versão traduzida, os conceitos da *Paralatio*, *Similatio* e *Translatio* encampam elementos da *equivalência natural*, da *equivalência direcional* e da *descrição* de Pym. Além disso, como meu projeto de tradução não contempla o processo de tradução enquanto uma práxis de um tradutor, mas a análise comparativa entre o original e o traduzido, os demais processos – *escopo*, *indeterminismo*, *localização* – são lateralizados aqui. Talvez dentre os três processos

presentes, a *descrição* seja o mais relevante. A *descrição* se faz presente, de forma consistente e constante, nas simetrias e assimetrias sinonímicas, sintáticas e pragmáticas (CHESTERMAN, 1997) que tanto distanciam (*Paralatio*) quanto aproximam (*Similatio*) os dois textos, ou hibridizam (*Translatio*) os dois processos antagônicos do traduzir. Se, de um lado, Chesterman privilegia a *diferença* que chamo de **paralática**; e se Schleiermacher adota a *semelhança* que nomeio de **similática**; Kruger (2009) encampa a hibridização das duas primeiras, que intitulo **translática**.

Como é a questão da receptividade do público brasileiro para as obras da literatura africana traduzidas e o perfil do consumidor dessa literatura?

Minha resposta a esta pergunta só pode ser dada a partir de uma perspectiva dedutiva e pessoal. Como venho me interessando pela ficção de autores negros desde os anos 1980, minha resposta se associa ao acesso pessoal à *Literatura Negra* mundial traduzida no país, na sua migração transcontinental, entre África, Estados Unidos, Brasil, Caribe e Europa. Por isso, pode-se afirmar que a receptividade da literatura negra pelo público brasileiro vem crescendo desde a metade do século 20. Por exemplo, em 1940, Graciliano Ramos traduziu a narrativa autobiográfica do escravo afro-americano Booker T. Washington, *Up From Slavery*, como *Memórias de Um Negro*. Em 1983, Vera Queiroz da Costa e Silva verte para o português, o romance seminal *Things Fall Apart*, do nigeriano Chinua Achebe, como *O Mundo se Despedaça*. Em 1986, Beatriz A. Cannabrava reescreve na nossa língua o livro *Biografía de um Cimarron* como *Memórias de Um Cimarron*: *Testemunho*, do cubano Miguel Barnet. Dos anos 1980 em diante, tendo em vista os sucessos literários de escritoras como Toni Morrison, Alice Walker, Chimamanda Ngozi Adichie, a proliferação de traduções de romances de autores e autoras negras vem se tornando uma realidade editorial mais consistente. Em decorrência, o romance *Amada*, de Toni Morrison (1987), já recebeu algumas diferentes versões e reedições. O mesmo fenômeno acontece

com a ficção *A Cor Púrpura (1982)* de Alice Walker. E a jovem Chimamanda, a nigeriana radicada nos Estados Unidos, teve a maioria de suas narrativas ficcionais vertidas para o nosso idioma

A partir da promulgação da lei 10.639/03, o boom editorial negro se expande consideravelmente. Protagonizado por governo de esquerda, o momento histórico e político do país e o desenvolvimento mais agressivo de políticas públicas de compensação, como os sistemas de cotas e a lei 11.645/08, que amplia o escopo da primeira, é propício para a tradução de narrativas negras transcontinentais. Tradutores e editoras estão se dando conta deste momento histórico-político. Em decorrência, a tradução se espalha sobre a diáspora negra. E contempla traduções como *Uma Margem Distante*, do afro-britânico Caryl Phillips (2006); *A Flecha de Deus*, do nigeriano Chinua Achebe (2011); *Como Fazer Amor com um Negro sem se Cansar*, do haitiano e Dany Laferrière (2012); *Underground Railroad*: *Os Caminhos da Liberdade*, do afroamericano Colson Whitehead (2017); *Adua*, da afroitaliana Igiabo Scego (2018); e muitas, muitas traduções mais.

Sobre o projeto de pesquisa intitulado *Tradução e Identidades na Ficção de Autores Afro-descendentes*, conforme pudemos depreender, ele busca relacionar "identidades, raça e metáfora no estudo da tradução de romances de autores afro-descendentes para o português do Brasil, sob a perspectiva de três conceitos raciais: negrice, negritude e negritice; e três conceitos de tradução: paralatio, similatio e translatio". Conte-nos um pouco sobre o projeto, primando, sobretudo, pela explanação dos seus conceitos imbricados, não só os raciais, como também os de tradução envolvidos.

A perspectiva de análise da literatura negra transcontinental é sempre dupla, visando a associação da tradução do sujeito negro à tradução do texto negro. A experiência do negro diaspórico mostra que, tendo em vista a escravidão e demais migrações espontâneas e forçadas, o africano e seus descendentes se traduziram racial e culturalmente muito

antes de as narrativas negras. Para dar conta do fenômeno translacional envolvendo o personagem negro – protagonista ou não de narrativas negras – me valho de três conceitos específicos: *Negrice*, *Negritude*, *Negritice*. Eles balizam os movimentos interraciais e intrarraciais dos personagens. O estudo das narrativas visa examinar descritivamente as marcas das duas modalidades de movimentos. Por exemplo, *Negrice* procura dimensionar o alcance da inserção (real, imaginária, psicológica) do negro no mundo branco. A mais significativa exemplificação da produtividade do conceito de *Negrice* inclui a menina Pecola Breedlove que, no romance *O Olho Mais Azul* (1970), de Toni Morrison, deseja possuir olhos azuis, já que acredita que só assim poderá ser feliz e dar sentido à família. Diferentemente, Ika Hügel-Marshall que, na autobiografia *Daheim unterwegs: Ein deutsches Leben (1998)*, deixa a família branca da mãe alemã e sai em busca do pai negro nos Estados Unidos, encarna, com energia, os alcances e limites da *Negritude*. Todavia, opor *Negrice* e *Negritude*, ou Pecola e Ika, isola branquidade e negridade, em lados opostos, o que não parece recomendável para a futura alteridade identitária. Por isso, a validade da *Negritice*, empalmada por Scego, personagem que insiste em conciliar sua cultura somali com a cultura italiana, no romance-autobiográfico *La mia Casa é dove Sono (2012)*. Em decorrência, Scego desenvolve identidade crioulizada, já que hibridiza em si mesma o que é somali com o que é italiano nela. A identidade crioulizada é sempre o ideal a ser alcançado, mas o caminhar do personagem negro nem sempre chega à *Negritice*, sem antes se deter na *Negrice* ou na *Negritude*. A *Negrice* ajuda a entender o que acontece com o personagem negro no mundo branco enquanto constrói para si identidade assimilacionista. E a *Negritude* nos faz perceber o orgulho racial que toma conta do sujeito negro que, em seu nacionalismo, olha apenas a cultura negra como o ideal dos ideais raciais. De forma triangularmente semelhante opera a tradução do texto negro. A *Paralatio* valida a presença do original na cultura de recepção onde parece ser reelaborada para a alegria do leitorado local; a *Similatio* perfaz o caminho inverso e segue fiel ao original; a *Translatio* se esforça para hibridizar as duas alternativas antagônicas.

O trabalho com tradução literária implica no cruzamento entre duas culturas, dentre outros aspectos. Comente o seu entendimento e como lida com essa questão, a partir dos inúmeros conceitos de equivalência que temos nos Estudos da Tradução, de qual deles é lançado mão para a produção dos trabalhos e/ou como se procede em relação a isso.

Desde criança, tendo nascido em Blumenau e morado em um bairro da cidade chamado *Jararacumbach*, minhas experiências pessoais não envolviam apenas o entrecruzamento entre duas culturas, mas três: a negra, a alemã e a italiana. A casa da minha família era a única casa de família negra em um mundo de moradores alemães e italianos. No seminário franciscano, aos onze anos de idade, o mesmo cenário cultural se repete e me vejo novamente entrecruzando minhas experiências negras com as de seminaristas brancos, provenientes de comunidades alemãs e italianas. Acho que, naqueles anos de relações interculturais assimétricas, já era levado a conviver, de forma experiencial, com a assimilação, o nacionalismo e a crioulização. Nas décadas que se seguem à minha saída do seminário, como nunca soube como me livrar destas multiplicidades identitárias – assimilação, nacionalismo, crioulização – procurei conviver com o cruzamento intercultural de forma mais produtiva em três níveis: na vida, na literatura e na tradução. Pelo menos, é o que venho tentando fazer com alguma dignidade acadêmica.

Como acontece com os protagonistas negros e negras que pesquiso na ficção negra, minha autotradução como sujeito afroblumenauense decorre dos movimentos de busca da cultura branca (*Negrice*), da cultura negra (*Negritude*) e da hibridização das duas (*Negritice*), em momentos específicos da vida. Isto não acontece apenas no seio dos Estudos Literários e dos Estudos da Tradução textual (*Paralatio*, *Similatio*, *Translatio*), mas também nos meus próprios romances. Para dar conta do cruzamento intercultural, me imbuo do desejo de estudar línguas estrangeiras ocidentais (português, inglês, francês, espanhol italiano e alemão). Semelhante conhecimento linguístico me possibilita contatos

profícuos com autores negros e seus romances, nos vários países e diversos continentes. Por exemplo, meu acesso ao conceito da *Signifyin(g)* só foi possível pela experiência pessoal com a língua inglesa e a literatura afroamericana.

Igualmente, a *Signifyin(g)* não é apenas crucial para a análise e o estudo da literatura negra, a partir da construção de identidades negras como ato de tradução, nem é somente relevante para a análise comparativa do texto fonte em relação ao texto alvo. Na verdade, a *Signifyin(g)* é significativa para a escritura da minha própria trajetória ficcional, incluindo contos, teatro e romances.

Assim, penso que meu caminho da vida para literatura e, desta para a tradução, foi marcada pela triangulação identitária em conjunto com a tradução cultural negra. Em três romances – *Enquanto Isso em Dom Casmurro* (1993), *Legbas, Exus e Jararacumbah Blues* (2012), *O Dom de Casmurro* (2016) – a tradução cultural de personagens afrodescendentes se dá de maneira efetiva, com os três movimentos identitários se articulando plenamente. Assim, no primeiro romance, uma Capitu/Bertília negra se vê envolvida com a cultura germânica de Blumenau. Por outro lado, no segundo romance, a mesma Bertília negra assume o papel de líder religiosa – uma *Mãe de Santo* do orixá Exu – da primeira comunidade negra existente na cidade de Blumenau. Por fim, na terceira obra, um Casmurro negro se revela o elo aglutinador da interculturalidade, em que a negra Bertília, a alemã Eileen e a italiana Anamária se veem hibridizadas ou crioulizadas nas experiências de Casmurro.

Neste contexto intercultural e translacional, marcado pela mobilidade identitária uma Bertília/Capitu, uma Bertília e um Casmurro – todos negros – performatizam, romanescamente, o pensamento de Hall (2006) sobre a "celebração móvel" da tradução identitária pela qual pode passar um sujeito negro em ambientes de branquidade cultural. Escreve Hall que "o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente" (HALL, 2006, p.13). Se para Bhabha, como o acusa Pym (2010, p.144), o sujeito diaspórico tem apenas as opções de se manter fiel

à cultura que traz, ou se integrar à cultura que o recebe, para Gates (1988), o negro diaspórico tem três opções que advêm de Exu, já que, com o orixá e pelo orixá, "*dois, isto se torna três*". A triangulação é sempre o desiderato identitário que marca e demarca a tradução.

Comente sobre as principais temáticas presentes nas suas obras traduzidas e a relação que elas travam com a cultura brasileira.

O enfoque que dedico aos romances, cujo estudo comparativo relaciona o texto **A** ao texto **B**, não privilegia temas, tópicos ou assuntos. Cobre, preferencialmente, o movimento de pessoas, ou seja, a **Migração**, o deslocamento entre culturas. O movimento migratório do personagem negro permite, de maneira mais consistente, o acompanhamento das identidades negras. Aqui, é preciso, novamente, recorrer a Hall (2006) que sugere que a identidade é a celebração da mobilidade, do movimento. Para aquilo que considero relevante em uma narrativa negra, três movimentos estão presentes e desafiam a dualidade que Bhabha analisa nos personagens de Salman Rushdie, em seu romance *Os Versos Satânicos* (1988). Assim, ou o personagem negro movimenta-se na direção do mundo branco, seus valores e ideais culturais; ou se desloca para o mundo negro e sua cultura autóctone; ou, por fim, é capaz de fundir o mundo branco e o negro através das duas experiências culturais. Como Exu, o orixá mediador de mundos distintos (o divino e o humano), o personagem negro performatiza a máxima Yorubá, segundo a qual "*dois, isto se torna três*".

Em cada momento de mobilidade, o personagem negro, de forma velada ou explícita, revela o tema da narrativa. Por exemplo, a dominação do cristianismo em comunidade africana autóctone aparece no romance *O Mundo se Despedaça* (1958), do nigeriano Chinua Achebe. A trama mostra Nwoye, um jovem ibo, que se vê seduzido pela beleza dos cânticos e orações do culto cristão. E, não apenas se converte à nova religião, mas vai para a escola do pastor e, depois de formado, volta para converter mãe e irmãos à nova ordem religiosa. A experiência religiosa é a base que sustenta a tradução cultural do jovem ibo, levando-o a

abandonar o culto e as práticas religiosas do clã africano, a negligenciar a ancestralidade, para assimilar o culto ocidental. A isso chamo *Negrice* e a identidade derivada é vista como *assimilacionista*.

Um exemplo antagônico de mobilidade identitária se chama *Negritude*. Diferente da *Negrice* que explica a busca de valores ocidentais, a *Negritude* esclarece a adesão clara do personagem negro aos valores negros. O negro nacionalista – aquele que ama ser negro e o ideal cultural afrodescendente – se espelharia em Milkman, o personagem que, no romance *Canção de Solomon* (1977), Toni Morrison o faz deixar o Norte dos Estados Unidos e sair em busca da lenda do escravo voador, no Sul do país. O grande orgulho e a verdadeira tradução racial de Milkman se dão quando descobre que o escravo voador era o próprio bisavô, que não havia conhecido, o escravo que podia voar e que voou de volta para a África, fugindo da escravidão para a liberdade. Negritude cria identidade *nacionalista*.

No caldo triangular da mobilidade tradutória negra, a *Negrice* chama a *Negritude* e as duas pedem a *Negritice*. Ou seja, vai-se da assimilação para o nacionalismo, para a hibridização. Ou, ainda, na alteridade da crioulização, encontrar-se-ão Nwoye e Milkman, encontro que abrirá caminho para a alemã Ika Hügel-Marshall. Em sua dinâmica translacional, Marshall é a personagem negra da narrativa autobiográfica *Daheim unterwegs: Ein deutsches Lebe*n (1998). No relato, personifica a perfeição, o slogan de Exu: "*dois, isto se torna três*". Filha de mãe alemã e pai afrodescendente, Marshall vive, em comunidade branca, sem a presença paterna. Em internato público é institucionalizada nos ideais culturais alemães, durante a infância e a adolescência. Na idade adulta, sai em busca do pai nos Estados Unidos, e o contato com a figura paterna a harmoniza com a cultura, os valores e os ideais negros afroamericanos. Fortalecida pelos valores germânicos e afroamericanos, a hibridizável Marshall dá um passo adiante, com militância política. É quando participa de forma efetiva na construção do movimento feminista afro-germânico, na cidade de Berlim.

É de 2012 o Parecer CNE/CP nº 8/2012 e a Resolução CNE/CP nº 1/2012 que contemplam a educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena como sendo necessários a serem incorporados aos currículos e às propostas pedagógicas das escolas de Educação Básica, de forma transversal e integradora, preferencialmente. Isso acarreta que a África e tudo o que é inerente a ela seja bastante desconhecido para a grande maioria da população brasileira. Ousamos considerar que, no que toca à literatura, não com o intuito de desprestigiar, mas estabelecendo uma relação com os sistemas literários canônicos e das culturas dominantes, as literaturas de língua africana ocupam um lugar marginal. Como esse lugar é entendido pelo senhor e como o senhor se vê nesse papel de responsável pela disseminação dessa cultura, mesmo estando "contra a corrente"?

A presença da literatura negra na educação básica ainda é limitada. Apesar da implementação de políticas públicas, nas duas últimas décadas, com vistas a sanar o problema, o acesso do estudantado brasileiro, em todos os níveis de escolaridade, ainda se apresenta marginal. Há alegações de várias ordens para se lidar com a situação: carência de material, falta de disciplina específica na grade curricular, desconhecimento do campo literário, despreparo pedagógico do professor e, até descaso de autoridades escolares.

Porém, desde 2003, quando da elaboração de políticas mais efetivas, a produção de material vem crescendo. Adensam-se, igualmente, os seminários e encontro de profissionais e interessados a respeito das relações étnico-raciais. Em decorrência da efervescência no campo, criou-se a **ABPN** – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – cuja revista acadêmica publica artigos, divulga trabalhos e contribui, de forma sistemática, para a compreensão do processo de institucionalização do ensino da cultura negra em todos os níveis de escolaridade. Nas universidades públicas, vemos o surgimento contínuo dos NEABs – *Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros* – cujo desejo é alargar a

participação nos debates suscitados pelos encontros étnico-raciais em todos setores da experiência negra no Brasil e no mundo.

Aqui, na Universidade Regional de Blumenau, criou-se também o NEAB/FURB que, há cinco anos, vem se comprometendo com a inclusão mais efetiva da cultura negra na vida acadêmica da universidade e nas experiências dos estudantes da educação básica também. Como membro do NEAB/FURB, minha contribuição se liga à *Literatura Negra*. Nos últimos anos, desde a criação do NEAB/FURB, tenho visitado escolas públicas para discutir, com os educandos, a produtividade da Literatura Negra. No dia 20 de novembro de cada ano – dia da **Consciência Negra** – dou palestras sobre autores negros a grupos dentro e fora da universidade. No Centro Universitário UNIFACVEST, em Lages, leciono a disciplina *Literatura Afrodescendente*, e oriento dissertações sobre o assunto, no Mestrado em Práticas Transculturais mantido pela instituição desde 2015.

No campo editorial nacional, a efervescência desta nova tendência resultou, em 2011, na publicação pela Editora da UFMG da coleção de quatro volumes *Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica*, organizada pelo professor Eduardo de Assis Duarte. Na antologia, o verbete José Endoença Martins me inclui de maneira efetiva no bojo das preocupações editoriais e do alcance do interesse geral sobre a Literatura Negra.

Ainda sobre a questão anterior, qual o seu lugar enunciativo e de tradutor neste "sistema" anteriormente citado, uma vez que verificamos que seu trabalho com essa literatura é anterior a 2012?

Se posso pretender ou reivindicar um "lugar enunciativo" a partir da tradução, este desejo se evidencia, de maneira mais ativa, a partir do ano de 2010, quando inicio minha produção acadêmica voltada para os Estudos da Tradução. Assim, com base no título de doutor na área dos Estudos da Tradução, posso afirmar que, tecnicamente, sou um tradutor. Todavia, minha atividade primordial não se concentra no ato de traduzir, como processo de verter um texto base a uma língua meta; volta-se à

análise da tradução. No campo da tradução, me dedico de forma mais particular à análise comparativa da tradução de romances negros entre as línguas ocidentais de mais forte presença na academia, como inglês, francês, espanhol, italiano, alemão e português.

Tendo como centro do meu interesse acadêmico a análise comparativa entre o texto **A** e o texto **B**, penso que posso sugerir que meu lugar enunciativo de estudioso da tradução negra se preocupa com os diálogos possíveis entre as várias versões de um determinado romance de autor ou autora afrodescendente em diferentes línguas ocidentais. O enfoque comparativo permite me deter em dois estágios da tradução racial (cultural). De um lado, me interessa verificar como escritores negros caracterizam os movimentos interraciais dos personagens dos romances que escrevem, levando-os a interagir com os valores negros e brancos que os circundam e os impelem; de outro, busco entender os processos utilizados por tradutores para dar conta da "equivalência direcional" de que fala Pym (2010), e perceber como o texto *A* se transforma no texto *B*, por meio dos processos de diferenciação e similaridade interlinguísticas e intertextuais. Tanto na dimensão interracial como na perspectiva intertextual, insisto em atinar como as diferenças e as semelhanças deixam de lado os antagonismos e avançam para processos mais democráticos e inclusivos de hibridização, ou de alteridade crioulizada.

Por isso, gosto de falar e de me enunciar a partir daquilo que é muito caro a Exu, algo que se resume na expressão "*dois, isto se torna três*".

Comente-nos sobre suas experiências tradutórias e, também, a partir delas, como o senhor definiria o ato tradutório e qual seria o papel da tradução na sociedade de hoje?

Considerando minhas posições a respeito da tradução (racial, textual), reiteradas ao longo desta "novena" de perguntas e respostas, me agrada sugerir que Exu, o grande tradutor negro, segue como modelo negro. Na tradição religiosa afro-brasileira, Ele é o orixá que abre todos os cultos de Candomblé; é o deus a quem se faz a primeira oferenda; é o

espírito que abre as portas para o diálogo entre os humanos e os deuses. Enfim, Exu é o "Tradutor" emblemático, na religiosidade negra.

Nesta perspectiva exuística da tradução cultural e racial, sugeriria que o ato tradutório se converteria na realidade dialógica a que as culturas das sociedades aspiram, promovem e mantêm, não sem conflitos internos, por meio da participação de todo, e cada, ser humano de boa vontade. A tradução – a *crioulização* – é a práxis do encontro dos diferentes culturais e raciais. Ao buscarmos uma explicação mais acadêmica para o diálogo translacional, nos dirigimos ao crítico literário afroamericano Henry Louis Gates (1988). Para o pensador, o diálogo translatório derivaria das propriedades do conceito da *Signifyin(g)* que Gates, assim a caracteriza:

> a tradição negra possui dupla voz. A metáfora do *Livro Falante*, dos textos de dupla voz que dialogam com outros textos. A Signifyin(g) é a figura da dupla voz, representada pelas imagens de Exu em esculturas como possuindo duas bocas (GATES,1988, p.25).

Minha contribuição à dualidade que Gates avaliza na "tradição negra" se traduz na insistência pessoal, não na dualidade, mas na triangulação, caracterizada pelo slogan "*dois, isto se torna três*". Triangular significa desafiar a perspectiva dual. Neste debate, não me sinto sozinho. Parece que angario a colaboração de outros dois pensadores afrodescendentes, o crítico literário Glissant (2005) e o pensador cultural Hall (2006). Ambos insistem na visão triangulada da tradução em seus escritos. Quando defende a crioulização, Glissant promulga uma tese clara.

> A tese que defenderei é a seguinte: a crioulização que se dá na Neo-América e que se estende pelas outras Américas [*Meso-América*; *Euro-América*] é a mesma que vem acontecendo no mundo inteiro. A tese que defenderei é a de que *o mundo se crioulizа* (GLISSANT, 2005, p.18).

Na verdade, a crioulização é um desafio às identidades raciais e textuais puras ou purificadas, referendadas, na minha perspectiva analítica, por conceitos como *Paralatio* e Similatio, na área da equivalência direcional; e, por noções como *Negrice* e *Negritude*, no campo da tradução cultural.

Hall (2006) distingue tradição de tradução, distinção que só pode ser claramente estabelecida pela migração. Identidades tradicionais (*Paralatio* ou *Similatio*; *Negrice* ou *Negritude*) insistem na pureza autóctone cujos atores, mesmo em experiências diaspóricas, insistem em manter ou recuperar. Por outro lado, identidades tradutórias procuram a mistura intercultural. Pessoas negras e brancas crioulizadas, segundo Hall,

> [...] são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimilados por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas (HALL, 2006, p.88-89).

É, com base nas palavras de Glissant (2005) e Hall (2006), que ouso afirmar que o papel da tradução, principalmente na sua versão cultural, seria, hoje, promover a alteridade entre as pessoas para que juntas alcancem o sincretismo ou hibridização em processos culturais históricos a longo de anos de encontros.

ENTREVISTA COM AÍDA CARLA DA CUNHA

Elis Maria Cogo[1]
Tobias Nunes Cordova[2]

Aída Carla da Cunha é Tradutora; Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução PGET - UFSC; Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de do Rio Grande do Norte - UFRN e Bacharela em Letras Modernas Língua e Literatura Francesa pela Sorbonne Nouvelle - Université de Paris III. Como parte e desdobramento de sua tese de doutorado, publicou e lançou recentemente uma nova tradução integral do conto de Gabrielle Villeneuve *A Bela e a Fera*, sendo essa a segunda tradução do conto de fadas feita no Brasil. A obra foi também lançada na ocasião do VII Seminário de Egressos da PGET. Entusiasta das publicações independentes, Aída as vê como uma possibilidade de o tradutor também assumir a posição de editor, com autonomias frente à publicação, a fim de que as manipulações nas diversas etapas de confecção do livro sejam minimizadas como forma de garantir a tradução tal como foi realizada. Sobre isso, seu processo e métodos de trabalho, e a literatura francesa e os contos de fadas, Aída nos concedeu uma breve entrevista:

Contos de fadas são histórias infantis com personagens da ordem do maravilhoso, tal como descreveu Propp, em que geralmente se espera um final feliz e uma lição a ser aprendida. Assim, você

---

[1] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Bolsista Capes Excelência. Possui Licenciatura plena em Letras Português-Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR (2015).

[2] Mestrando em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina PGET/UFSC. Bacharel em Biblioteconomia - Gestão da Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Bacharel em Artes Cênicas - Teatro pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

poderia expor quais foram os motivos que levaram você a trabalhar com contos de fadas? A escolha de um conto maravilhoso, *A Bela e a Fera* de Gabrielle Villeneuve especificamente, vai ao encontro de seus interesses enquanto tradutora de obras literárias ou tanto a obra como a autora surgiram por acaso?

De fato, os contos de fadas foram introduzidos no Brasil através de traduções e adaptações vindas da Europa, principalmente de Portugal, dentro do viés da literatura infantil no século 19. Como explico em minha tese, que teve como alvo a tradução comentada de *A Bela e a Fera*, havia o objetivo de adequar as obras a esse público, modernizar a linguagem e dar novo fôlego ao mercado editorial brasileiro, impulsionado por diversos fatores, como o fortalecimento da escolarização infantil, que só crescia, e a conscientização do papel da leitura nesse processo. De maneira pioneira, teria sido a Livraria Quaresma, no Rio de Janeiro, a publicar as adaptações e traduções de contos para o português brasileiro, realizadas por Alberto Figueiredo Pimentel. *A Bela e a Fera*, por sua vez, veiocom a família real portuguesa e foi adaptada ao Brasil em uma obra traduzida como *O tesouro de meninas*, do original *Le Magasin des Enfants* (1757) de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont. Foi ela quem primeiro adaptou o conto para meninas da nobreza inglesa a quem ensinava. Porém, quando descobri que havia um conto original, escrito em 1740 por Gabrielle de Villeneuve, fiquei encantada com a possibilidade de dar acesso ao público brasileiro uma narrativa completamente desconhecida. A contista concebeu esse conto para mulheres de sua época, e não para as crianças. Embora moralista, de acordo com os valores patriarcais vigentes, eu me interessei muito mais pelos aspectos subversivos contidos na obra. Foi dessa curiosidade que nasceu a ideia de traduzi-lo.

Quanto ao nome da contista, ela me foi apresentada pela minha orientadora durante a escolha do projeto de tradução, em 2013, pois seu interesse era traduzir mulheres escritoras francesas do século 18.

Em se tratando das peculiaridades de *A Bela e a Fera* de Villeneuve, que você traduziu, como também os trabalhos

subsequentes, você poderia explicar quais são as maiores diferenças entre sua tradução, o conto de Beaumont, e a adaptação fílmica da Disney?

Essa é a melhor parte da narrativa. Apesar de a espinha dorsal do conto continuar sendo a história de amor entre esses dois personagens, o conto original é completamente diferente de suas subsequentes adaptações, sendo mais longo que a versão infantil, com tramas paralelas e reviravoltas que nenhum conto do cânone atual possui. Muito mais elaborado do que qualquer versão posterior, ele explora também os conflitos internos de Bela, que face a dois amores, vislumbra a possibilidade de se unir a alguém que ama realmente, e não se entregar apenas por obrigação, um tema que era recorrente na época dos casamentos arranjados da aristocracia francesa. Jeanne-Marie de Beaumont pensava que a magia feérica era prejudicial à educação moralista, por isso os efeitos mágicos são reduzidos ou simplificados em relação ao conto original. Da mesma forma, ela procurou censurar os aspectos eróticos ou sensuais do conto original. Quanto às adaptações do conto pela Disney, elas são, sem dúvida, uma forma de entretenimento e, de certa maneira, tem seu lugar no mundo contemporâneo, até porque os contos de fadas nunca saem de moda, apesar de serem narrativas muito datadas. Porém, essas adaptações não fazem jus à memória literária do conto nem à força do protagonismo feminino que, no conto literário, é mais presente. Concordo com o teórico Jack Zipes, a Disney nos tira a possibilidade de imaginar como são a Bela e a Fera, algo que procurei preservar na tradução e na capa do livro, num trabalho de parceria com o ilustrador.

Pelo viés de resgate tanto de parte da memória literária quanto da memória das contistas francesas do século XVIII, você considera sua tradução de cunho feminista?

O feminismo é um fenômeno e um movimento bem posterior aos primeiros contos de fadas franceses de autoria feminina, que nasceram

juntamente com os contos de Perrault, no final do século XVII, mas foram apagados da história literária ocidental, até mesmo na França. Com o tempo, vários pesquisadores, dentre eles Marie-Elisabeth Storer, a primeira a fazer uma tese sobre esses contos no início do século 20, essa história foi sendo redescoberta. A profusão de temas e a estética das contistas francesas, herdeiras das preciosas, trazem uma riqueza ainda pouco explorada, mas que já relatava a inovadora maneira de narrar esse contos, dando às mulheres um espaço que não tinham sequer na sociedade em que essas escritoras viviam, pois a educação formal lhes era proibida. Então, de fato, há um caráter pioneiro na valorização da mulher, algo que lhes foi tirado desde a implantação do cristianismo no Ocidente. Então, seria o anacronismo falar de feminismo àquela época, mas essas mulheres foram precursoras de um pensamento que as valorizava em muitos aspectos.

Sobre o processo de tradução desse conto especificamente, qual o maior desafio enfrentado durante esse processo? Há diferença na tradução enquanto trabalho acadêmico daquela voltada para o mercado editorial, levando em conta seu objetivo de publicação e difusão desses contos?

O maior desafio, sem dúvida, além da busca de material bibliográfico estando no Brasil, é o francês arcaico do século XVIII transposto para uma língua-cultura do século XXI. Muitos aspectos da língua francesa foram preservados até os dias de hoje na França contemporânea, como o sistema pronominal, algo que não aconteceu com o sistema pronominal da língua portuguesa. Para mim, estava fora de questão empregar o "vós", algo que só existe hoje como marca histórica na gramática. O maior desafio foi, então, trazer uma narrativa tão datada para os leitores brasileiros contemporâneos.

Quanto à tradução em âmbito acadêmico, foi extremamente prazeroso saber que eu não tinha restrições mercadológicas que poderiam interferir no processo tradutório. Fiquei bem livre para fazer minhas escolhas, dentro do projeto de tradução que eu havia escolhido

desenvolver, que era estar o mais próximo possível da estética inovadora (para a época) da autora. Procurei algumas editoras, que recusaram a publicação, e foi então que decidi eu mesma lançar a obra, em parceria com a Lilás, que viabilizou a diagramação e publicação final do livro. Ficou ainda mais prazeroso todo o processo, pois pude escolher o ilustrador, a revisora, os paratextos, e até as pequenas alterações do texto para fins de editoração. Em seguida, saí pelo Brasil lançando e distribuindo o livro, o que me aproximou bastante das pessoas e para quem eu pude contar um pouco desse processo tão solitário que é a pesquisa doutoral e a tradução em si.

Você comentou em sua comunicação no VII Seminário de Egressos da PGET sobre as estratégias de fazer o livro circular depois de sua publicação, a que você se refere exatamente? Você poderia discorrer mais sobre isso?

Fiz uma pesquisa de quatro anos, fazendo levantamento historiográfico da tradução de contos de fadas no Brasil, levantamento biográfico das duas autoras que publicaram o conto, assim como uma profunda análise do conto em si, de sua estética preciosista, tudo isso sendo a primeira tradutora no Brasil a lançar essa tradução, antes realizada pelo André Telles na editora Zahar. Acredito que contou muito a minha sensibilidade às condições femininas da época e como isso está problematizado nas narrativas e na tese, de maneira que, essa tradução é única nesse sentido. Infelizmente, por não ter sido publicada por uma grande editora, a possibilidade de atingir um maior número de leitores foi extremamente reduzida à minha própria capacidade individual. Compareci ao maior número possível de eventos acadêmicos e não acadêmicos para fazê-la conhecida do público, tendo realizado uma dezena de lançamentos em diferentes cidades do Brasil. Também lancei mão das redes sociais, que são um atalho importante para os agentes independentes. *A Bela e a Fera* é um conto que ainda encanta e tem muito ainda a dizer. Trata-se de uma maravilhosa redescoberta de um texto muito rico em forma e conteúdo, que procurei honrar com muita

dedicação. Ainda tenho esperança de ver a tradução poder circular em muitas livrarias Brasil afora, porém é um caminho exaustivo e custoso, que só editores, escritores e tradutores independentes conhecem.

Em sua opinião, a publicação independente, suas particularidades, estratégias e desafios estimulam o tradutor por se estabelecer ainda mais enquanto autor com autonomia e engajamento durante o processo editorial e de publicação de uma tradução? E quais pontos você considera fundamentais para que esse processo ganhe mais adeptos? E ainda, qual sua visão acerca do tradutor dentro do mercado editorial como um todo?

Sem dúvida! O Brasil é um país de poucos, porém, ávidos leitores, dentre os quais incluem-se também os tradutores. Quando o tradutor tem a possibilidade de se engajar, como fiz, no processo de publicação do livro, que envolve essa grande cadeia invisível, acredito que isso interfere diretamente na qualidade do texto e na possibilidade de cada vez mais o tradutor ser o autor de sua tradução. Isso envolve, inclusive, questões de direito autoral. Sem contar que ajuda a mudar a consciência do leitor leigo, ainda apegado à ilusão de que precisa ler literatura traduzida como se fosse literatura nacional. Queremos ser vistos como mediadores desse processo. O tradutor literário potencializa a qualidade de identificação de processos individuais e coletivos que a literatura como arte proporciona.

Seus próximos trabalhos também estão no âmbito da literatura francesa e do resgate à memória das contistas que sofreram apagamento? Você pode comentar mais um pouco sobre isso?

Sim, sou pesquisadora de contos de fadas franceses de autoria feminina porque esse grupo numeroso de mulheres, ofuscada pela "tríade contista" (Perrault, Grimm, Andersen) que é maciçamente dominante no mercado editorial brasileiro desde o século 19, por incrível que pareça, ainda pode dar novo fôlego aos contos de fadas, por sua

inventividade e inovadora maneira de escrever essa narrativas. Temos ainda muito a publicar. Em agosto de 2019, publiquei e organizei junto à minha ex-orientadora Marie-Hélène e meu colega André Leite, com a participação de vários outros tradutores, uma "Antologia de contos de fadas franceses de autoria feminina do século 17", época de ouro do gênero, com contos inéditos no Brasil. Espero ainda fazer novas publicações com um projeto de pós-doutorado que vou iniciar talvez ainda este ano.

ENTREVISTA COM MARLOVA GONSALES ASEFF

Emily Arcego[1]
Márcia Monteiro Carvalho[2]

É doutora em Literatura e em Estudos da Tradução ambos na Universidade Federal de Santa Catarina. Suas pesquisas abrangem a relação entre a tradução e a literatura nacional, a influência da atividade de escritores-tradutores e de poetas-tradutores nas suas próprias criações e no sistema literário nacional, poesia traduzida no Brasil (século 20). Ademais, trabalhou em todas as fases do curso de Especialização em formação de professores de tradução literária Inglês-Português e Espanhol-Português (UAB/UFSC). No entanto, sua carreira não se restringe apenas à parte teórica, mas também à parte prática já que ela traduz não-ficção no par Espanhol/Português e de textos teóricos no par Francês/Português. Por fim, lançou em 2016 o site *Poesia Traduzida no Brasil* (www.poesiatraduzida.com.br) que surgiu a partir de seu Estágio Pós-Doutoral no Poslit-UnB. O site abriga um catálogo com mais de 650 entradas bibliográficas detalhadas da poesia traduzida no país entre 1960 e 2009 (ISBN: 978-85-540456-0-9), além de perfis de mais de 120 tradutores de poesia.

---

[1] Doutoranda e mestra do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC) e bolsista CAPES. Possui Licenciatura em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus Erechim (2011). Especialização em Tradução pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015). Possui experiência na área de Letras/ Inglês, atua principalmente nos seguintes temas: ensino de língua inglesa, tradução e revisão.
[2] Professora da Universidade Federal do Pará - UFPA/Campus Abaetetuba-. Doutoranda em Estudos da Tradução (UFSC/2016-2020). Mestra em Letras/Linguística (UFPA/2012). Especialista em Docência de LIBRAS-FTED (2010). Intérprete de LIBRAS-ASTILP (2008). Graduada em Letras-Português (2004-2008).

Como conheceu a PGET e o que a motivou a realizar o doutorado?

Eu era aluna da pós-graduação em Literatura da UFSC e acompanhei de perto os anos de criação da PGET. Fiz em minha dissertação a tradução comentada de um ensaio do escritor argentino Leopoldo Lugones que, no exame de qualificação, foi alçada à tese de doutorado.

Ainda durante o doutorado, fui tutora do curso EaD de especialização em formação de professores de tradução literária da UAB, ligado à PGET. Depois de defender a tese na Literatura, ingressei regularmente no mestrado da PGET, onde pude manter meu vínculo e seguir atuando no curso da UAB. Foi aí que concebi e me dediquei à pesquisa "Poetas-tradutores e o cânone da poesia traduzida no Brasil".

Quais os eventos e pontos que foram marcantes para sua vida acadêmica durante seu curso na PGET?

A qualidade dos intelectuais que a PGET sempre trouxe para palestrar nos eventos ou como professores visitantes me marcaram muito. Conhecer Boris Schnaiderman, Jerusa Pires, fazer um curso com José Lambert ou com Paulo Henriques Britto, entre outros, são privilégios que a PGET propiciou a seus alunos ao longo desses anos. Nesse tempo, também conheci o bibliófilo José Mindlin, o Cléber Teixeira da já lendária editora Noa Noa, a tradutora Rosa Freire D'Águiar, com quem fizemos um livro junto com a Dorothée de Bruchard, e muitas outras pessoas incríveis que vinham até Florianópolis trazidas pela PGET.

Há algum professor (a), em especial, que a inspirou durante o curso? Pode dizer qual e por quê?

Meu primeiro orientador, o Prof. Dr. Walter Carlos Costa, me influenciou bastante com o seu olhar acadêmico rigoroso e pela indicação de leituras importantes. Considero que ele alimentou a minha paixão pela

obra de Jorge Luis Borges. Também tive ótimas descobertas em disciplinas com a Profa. Drª. Marie-Hélène Torres. Foi numa disciplina com ela que comecei a pensar na questão dos escritores-tradutores e acabou orientando minha segunda tese. Também tenho muita admiração pelos professores Werner Heidermann e Philippe Humblé, ambos incrivelmente competentes e generosos. Gostaria também de lembrar o excelente professor João Ernesto Weber, que faleceu há pouco, e que foi meu professor na Literatura.

Qual é, em sua opinião, o diferencial da PGET em relação a outros cursos de Pós-graduação?

A PGET foi o primeiro programa no Brasil a se dedicar exclusivamente aos Estudos da Tradução. É a pioneira e ajudou com a sua experiência na concretização de outros programas de tradução Brasil afora. Como eu disse antes, outro destaque são os eventos, que trazem como convidados importantes intelectuais brasileiros e estrangeiros da nossa área. A PGET também já tem uma tradição em fazer excelentes publicações, como a respeitada revista *Cadernos de Tradução* e dezenas de livros.

Quais foram os produtos gerados a partir de sua tese? Artigos, palestras, participação em eventos, livros?

Foram muitos! Em primeiro lugar, o site *Poesia Traduzida no Brasil*, cujo lançamento rendeu uma nota no Painel das Letras da Folha de São Paulo, que, de saída, o divulgou nacionalmente. E a partir de uma entrevista que dei para a Agência Brasil/EBC, o projeto Poesia Traduzida no Brasil foi divulgado em inúmeros sites e jornais do país, turbinando a audiência. Cito alguns, como o site de Biblioteconomia e Ciências da Informação da USP; o portal Rádios da Bahia; o jornal O Popular de Goiânia; a revista Época Negócios; o site Entretenimento-Literatura do UOL; a Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto; o Diário do Nordeste; o Jornal de Tocantins; os sites Notícias ao Minuto, É jornal,

Notícias Atuais, Portal Alta Pressão, Click Brasileiro e Top Mídia News. O site também foi divulgado pela TV UnB e vários outros sites especializados, como O Mundo de K, o História Hoje, da historiadora Mary del Priore, e o Tradizer, do colega Fabiano Fernandes. O *Poesia Traduzida no Brasil* furou a bolha acadêmica e ganhou elogios de personalidades como o cineasta Jorge Furtado, que o mencionou em seu perfil do Facebook, e a tradutora Denise Bottmann, no site Não Gosto de Plágio.

Em termos de palestras sobre os poetas-tradutores e temas relacionados ao site e à poesia traduzida, participei de três edições do Seminário Internacional de História da Tradução e da Tradução Literária, na UnB, organizado pela Prof. Drª. Germana Henriques Pereira, e cujos trabalhos foram publicados em capítulos de livros do evento. Palestrei também no Seminário de Pesquisa IV "Lugares e não-lugares do literário", organizado pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da UnB, no V Seminário Internacional de Tradução e Tradução Literária, na Universidade Federal de Pelotas (RS), na semana de tradução da UFRGS, no Colóquio de Tradução da UFSC. Já falei também sobre tradução em eventos da Geografia da UFRGS e no Instituto de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, em Porto Alegre. Tive também uma experiência internacional, numa palestra para formação de professores uruguaios, na cidade de Artigas, num encontro organizado pelo Ministério da Educação e Cultura do Uruguai, quando apresentei um estudo das relações entre o Brasil e os países do Prata via tradução. Obviamente, publiquei artigos em periódicos científicos e anais de eventos. Acredito que toda essa visibilidade alcançada pela minha pesquisa e seus produtos acabou contribuindo para eu ter sido convidada para integrar o júri do Prêmio de Tradução da Biblioteca Nacional de 2019, o que é uma honra para mim.

Há algo em especial que você tenha aprendido durante seu doutoramento na PGET e que você repassa a seus alunos? Poderia nos contar de sua experiência?

A tradução é um campo do conhecimento vasto, complexo e fascinante. Eu costumo atuar no âmbito dos Estudos Descritivos e da História da Tradução e, sempre quando surge a ocasião, gosto de analisar e comparar traduções com os alunos e falar também um pouco da minha experiência como tradutora, mesclando o olhar da experiência com o teórico.

Antes da PGET você já atuava como tradutora? Após a PGET o que mudou no seu processo tradutório?

Antes de ingressar na PGET eu havia feito poucos trabalhos como tradutora, além da tese que havia defendido na Literatura e que, como disse antes, era uma tradução comentada do ensaio histórico *El imperio jesuítico*, do poeta modernista argentino Leopoldo Lugones. Estudando sobre tradução, ganhei maior consciência sobre o ofício, embora nada substitua a experiência e as horas de prática de tradução.

Como surgiu a ideia de criar o site Poesia traduzida no Brasil? Por que você considera importante essa plataforma de divulgação de poesia para o público que não está inserido especificamente na academia?

Para a tese *Poetas-tradutores e o cânone da poesia traduzida no Brasil (1960-2009)*, fiz um levantamento da poesia em tradução publicada em 50 anos no Brasil. Já na sua conclusão, eu falava dos planos de disponibilizar os dados de alguma forma na Internet. Pouco mais de dois anos após a defesa, escrevi o projeto do site e com ele participei de uma seleção para estágio de pós-doutorado no POSLit (UnB). De simples bibliografia, o material transformou-se em um catálogo que hoje tem mais de 650 entradas, com fichas de informação bem completas e que pode ser acessado de várias formas por meio de um mecanismo de pesquisa avançada. Para o site, também reuni as capas dos livros e disponibilizei outros tipos de dados relacionados ao tema poesia traduzida, como perfis de tradutores, diferentes gráficos e um espaço

para postagens. Felizmente, o site foi muito bem recebido pela comunidade em geral, não só a acadêmica. Acho que as pessoas interessadas em literatura gostaram de ter à disposição um banco de dados com quase tudo o que foi traduzido e publicado nesses 50 anos.

Como foi a experiência profissional de traduzir para um periódico, do espanhol para o português, textos com conteúdo de esporte e literatura?

Essa foi a minha primeira experiência, o primeiro contato com a tradução. Foram vários textos pequenos que eu traduzi para uma série do jornal *Zero Hora,* de Porto Alegre, sobre Esporte e Literatura. A série foi idealizada pelo grande jornalista Ruy Carlos Ostermann. Foi uma ideia genial dele, que levava literatura de alto nível ao público leitor de esportes. Nessa época, eu trabalhava como jornalista e, entre outras atividades, cuidava da relação da empresa de comunicação RBS com vários jornais latino-americanos que integravam o Grupo de Diários América. Editava uma página sobre a economia do continente. Por essa pretensa proximidade com o espanhol, o Ruy me chamou para traduzir os contos. Tinha texto do Cortázar sobre boxe, do Augusto Roa Bastos, entre outros. Com esse trabalho, comprei meu primeiro dicionário da Real Academia Espanhola (na época, os dicionários não estavam na internet). Talvez essa experiência tenha sido decisiva para eu prestar atenção na tarefa da tradução.

Quais as dificuldades e facilidades em traduzir culturas aproximadas e mais distantes, levando em conta os pares linguísticos que você trabalha?

No caso da tradução do espanhol, por exemplo, ajuda o fato de as culturas serem próximas. No entanto, a proximidade das línguas pode ser uma grande armadilha. Pode trazer dificuldades extras, como o risco de deixar o texto "colado" demais ao original, as interferências que passam despercebidas ao tradutor, os falsos cognatos... Fora o fato de as

pessoas acharem que é muito fácil traduzir do espanhol. Acertar o registro coloquial numa tradução do espanhol para o português pode ser uma das coisas mais difíceis! Além do espanhol, até agora eu traduzi pouca coisa do francês, poemas de Jules Supervielle, artigos de Antoine Berman e o livro da professora Marie-Hélène Torres, basicamente.

Quais sugestões você daria para quem está iniciando a vida acadêmica e profissional na área de Tradução?

No âmbito linguístico, eu diria que buscar a excelência na sua língua materna é ainda mais importante do que o domínio da língua estrangeira. Conhecer diferentes repertórios e tipologias textuais também faz a diferença. Do ponto de vista do mercado da tradução, é importante reconhecer que ele está segmentado e pede multiespecializações. Então é interessante buscar mais de um nicho para atuar e tentar criar relações profissionais nesses segmentos. Também acho fundamental ser responsável, seja como estudante ou como tradutor, pois sempre estamos sendo avaliados em nosso trabalho, e o que mais funciona no mercado é a indicação dos colegas e dos clientes. É crucial construir a credibilidade profissional desde sempre.

Como você espera que seja o futuro e a formação de tradutores no Brasil?

Espero que, passado este ataque que a Universidade e mercado editorial estão sofrendo no Brasil, a nossa área seja cada vez mais reconhecida, pois a tradução é uma atividade determinante para o desenvolvimento dos países inseridos no mercado global e para as suas comunidades em diferentes aspectos, desde o comércio até as trocas interculturais e migrações, tão presentes no mudo hoje.

ENTREVISTA COM SHEILA MARIA DOS SANTOS

Karolline dos Santos Rolim[1]
Rodrigo D'Avila Braga Silva[2]

Sheila Maria dos Santos é graduada em Letras com habilitação em Português e Francês pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, a UNESP, em 2010. Cursou mestrado na França, em 2013, na Université Paris IV – Sorbonne e doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina com a tese desenvolvida sobre o trabalho dos escritores-tradutores brasileiros no século XX. Atualmente é professora adjunta na área do francês na Universidade Federal de Santa Catarina e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Sua formação inicial é dentro do ensino de língua, como surgiu a Tradução nesse processo, desde a sua graduação até o seu doutorado?

O interesse pela tradução como campo de estudo surgiu durante a graduação, mais especificamente na disciplina de Literatura Francesa, em que nós devíamos traduzir trechos da obra *À la Recherche du Temps Perdu,* de Marcel Proust e, em seguida, comparar com a tradução da Editora Globo realizada por expoentes da Literatura Brasileira, de modo

[1] Possui bacharelado em Tradução pela Universidade Federal de Ouro Preto. É licenciada em Letras Português e Inglês e Respectivas Literaturas pela Faculdade Santa Rita. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina.

[2] Doutorando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017 - em andamento), é mestre (2016) em Estudos da Tradução e Bacharel em Letras - Tradução/Francês (2015) pela Universidade de Brasília e bacharel em Relações Internacionais (2006) pela Universidade Católica de Brasília. Atua como Editor da revista acadêmica Belas Infiéis e como tradutor. Seus temas de interesse são a História da Tradução, Tradução Literária, Literatura Erótica e Formação de Tradutores.

a identificar distintas estratégias de tradução. Através dessa atividade pude, pela primeira vez, perceber a riqueza e a complexidade da tarefa tradutória, o que me impulsionou a aprofundar minhas leituras sobre o tema e direcionar, de certa forma, meu campo de pesquisa acadêmico.

Quais foram os motivos que levaram você a escolher a área de Estudos da Tradução para o seu doutorado?

Após a graduação, realizei um mestrado na universidade Paris IV-Sorbonne, sob a orientação do Prof. Dr. Jean-Yves Masson, responsável pela cadeira de Tradutologia na Sorbonne, no qual desenvolvi no Master 1 as questões que me interpelaram na tradução de *À l'ombre des jeunes filles en fleurs,* de Proust, realizada por Mario Quintana, e no Master 2, analisei as traduções francesas de *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Esse primeiro contato sistemático com a tradução, no qual tive a oportunidade de assistir as aulas de Jean-René Ladmiral, Jean-Yves Masson, entre outros, sobre temas concernentes à Tradutologia, a partir de uma ótica europeia, despertou-me o desejo de conhecer a perspectiva do Brasil sobre a tradução. Com isso, após a conclusão do mestrado, decidi regressar ao Brasil para realizar um doutorado em Estudos da Tradução, e a PGET, enquanto pioneira no campo e reconhecida internacionalmente, mostrou-se a melhor opção no país.

Na sua tese de doutorado intitulada *(Des)aparecer no texto: o escritor-tradutor na tradução coletiva de À la Recherche du temps perdu de Marcel Proust*, você trabalha com as traduções realizadas por escritores-tradutores do século XX. O que a motivou a fazer essa escolha?

Durante a graduação, conforme apontado anteriormente, tive o primeiro contato com a temática da tradução realizada por escritores-tradutores, particularmente através da tradução de Quintana dos primeiros volumes da *Recherche*, de Proust. Dessa experiência inicial surgiu o interesse por questões suscitadas pela presença do escritor-

tradutor no texto traduzido, tais como a polifonia tradutória. Além disso, o período de pesquisa doutoral permitiu-me identificar diversas vias de análise desse novo texto a quatro mãos, sob uma perspectiva interdisciplinar, que contempla tanto os Estudos da Tradução quanto a Literatura Comparada, mostrando-se um campo fértil e pouco explorado.

Conte-nos um pouco sobre a sua experiência em sala de aula e qual foi a contribuição que o doutorado te proporcionou para seu cotidiano neste ofício.

Iniciei minha prática docente em nível superior durante o último ano de doutorado, na qualidade de professora substituta, na UFSC, ministrando disciplinas de língua, literatura e tradução. Portanto, todas ligadas à minha pesquisa doutoral, o que contribuiu enormemente para conectar essas duas experiências. Com efeito, muitas leituras realizadas durante o doutorado foram (e são) utilizadas nas aulas que ministrei (ministro) na graduação, bem como na PGET, onde atuo como professora do quadro permanente. Isso se faz possível, evidentemente, pelo caráter interdisciplinar dos Estudos da Tradução, bem como pela relação intrínseca existente entre língua, literatura e tradução, que contribui para a elaboração de uma reflexão multidimensional sobre temas relativos às precitadas áreas de pesquisa. Ademais, ressalto a importância que os estágios doutorais tiveram na minha inserção profissional. Essa prática docente é fundamental para adquirir segurança e uma boa desenvoltura em sala de aula.

Durante o SEPGET você nos proporcionou uma apresentação sobre a relação entre a formação doutoral e a inserção profissional, um assunto extremamente importante para nós, pós-graduandos, para criarmos uma visão e uma expectativa maior do que podemos encontrar no mercado de trabalho. Você poderia discorrer sobre sua trajetória com a tradução?

Primeiramente, acredito ser importante ressaltar que a minha relação com a tradução foi e ainda é, essencialmente, acadêmica. Falo, portanto, na qualidade de pesquisadora e não de tradutora, pois, apesar de ter realizado alguns trabalhos profissionais de tradução, dediquei-me desde a graduação ao viés teórico da tradução, tanto pela ótica da Tradutologia quanto dos Estudos da Tradução. De modo que quando dissertei sobre a relação entre a formação doutoral e a inserção profissional por ocasião do SEPGET, falei de uma perspectiva acadêmica, apontando a evidente importância do doutorado na minha inserção profissional pelo fato de ter tornado à casa, agora na qualidade de professora.

Dentro da sua experiência como professora tanto de Língua francesa quanto de Tradução, quais elementos (técnicos, práticos, teóricos etc.) você entende como relevantes para a formação dos jovens tradutores?

Acredito que qualquer discussão sobre literatura estrangeira ou ensino de línguas torna-se limitada se dela se elimina a questão tradutória, de modo que busco sempre relacionar esses campos em sala de aula ou antes tratá-los sob uma ótica sistêmica. Embora o curso de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina não forme, especificamente, tradutores, acredito que a estrutura curricular do curso contemple questões que julgo fundamentais para essa profissão, como o conhecimento de teorias que permeiam tal prática, e que auxiliam o tradutor em sua atividade. Outrossim, acredito ser de extrema importância não apenas o profundo conhecimento das línguas envolvidas na tradução, mas também cultural, uma vez que se trata de um elemento que influi diretamente em questões linguísticas. Ademais, atualmente, dispomos de uma enorme gama de programas e recursos tecnológicos que buscam facilitar a tarefa do tradutor, como as chamadas CAT tools.

De que maneiras a sua pesquisa de doutorado e as suas experiências como aluna, tanto de graduação e pós-graduação se projetam dentro da sua prática em sala de aula?

Felizmente, a minha atuação profissional é diretamente relacionada à minha formação acadêmica, uma vez que me doutorei em Estudos da Tradução pela PGET e regressei ao Programa como docente logo em seguida. Portanto, utilizo todo o conhecimento adquirido nas disciplinas que cursei no Programa, bem como nos eventos que participei durante o doutorado, em minha prática docente. O mesmo ocorre no âmbito da graduação, em que busco inserir, igualmente, questionamentos concernentes à tradução, além de explorar temáticas que compuseram minha tese, tais como o ritmo, a polifonia, a transculturação, o entre-lugar etc.

Como você caracteriza o papel da Tradução literária para a formação de tradutores? E o que você acredita ser imprescindível para a formação do Tradutor literário?

Embora a tradução literária represente quantitativamente uma parcela mínima dentre os diversos tipos de tradução praticados, trata-se de uma área extremamente rica e uma das mais estudadas academicamente, por seu viés subjetivo, poético, que suscita questionamentos distintos daqueles encontrados na tradução de um manual de engenharia, por exemplo. Ademais, o caráter interdisciplinar da tradução literária, fornece aos tradutores em formação conhecimentos que ultrapassam questões linguísticas. Dentre os elementos que julgo fundamentais para a formação do tradutor literário, acredito que o gosto pela Literatura seja o mais importante, pois dele parte o envolvimento necessário com o texto poético para a prática tradutória, que procede de uma leitura interpretativa profunda e detalhada da obra, em diversos níveis. Afinal, conforme defende Marcel Proust, "*le devoir et la tâche d'un écrivain sont ceux d'un traducteur*". Outrossim, conhecimentos decorrentes de outras áreas das Letras mostram-se particularmente oportunos, tais

como a Teoria Literária, a Hermenêutica, a Literatura Comparada, a Crítica Literária, entre outros.

Como você descreve o momento atual da área de Estudos da Tradução no Brasil e de que maneiras acredita que ela possa se consolidar e se desenvolver futuramente? Quais áreas da tradução você enxerga como mais promissoras e por quê?

Desde a segunda metade do século XX, os Estudos da Tradução vêm crescendo exponencialmente enquanto campo de estudos. No Brasil, o fato pode ser evidenciado pelo número de programas de Pós-Graduação dedicados à disciplina, bem como os congressos dedicados ao tema, periódicos científicos que versam exclusivamente sobre tradução, além de números especiais em revistas de grande circulação acadêmica, entre outros. Quanto às áreas promissoras no campo dos Estudos da Tradução, acredito que sejam, sobretudo, aquelas relacionadas à tecnologia, tais como Tradução Audiovisual, estudos de corpora, tradução e localização de games etc., uma vez que são ramos que estão em consonância com o atual *boom* tecnológico. Além disso, o campo da Historiografia tem se mostrado em grande expansão no Brasil e atende a uma necessidade real de sistematização das pesquisas em tradução no país. Como exemplo dessa prática, cito a coleção *Estudos da tradução,* organizado pela Profa. Drª. Germana Henriques Pereira, do POSTRAD-UnB.

Você concluiu recentemente o seu doutorado, quais produtos a sua pesquisa de doutorado gerará num futuro próximo? Quais outras pesquisas paralelas (projetos, grupos de pesquisa etc.) você vem desenvolvendo desde a sua entrada na Universidade Federal de Santa Catarina? Quais áreas dos Estudos da Tradução ou dos Estudos literários têm lhe despertado interesse atualmente?

Atualmente, coordeno o grupo de pesquisa intitulado "Tradução e Literatura Comparada", que tem como objetivo central investigar a

relação entre tradução e literatura comparada na contemporaneidade, enfocando, sobretudo, aspectos linguísticos e culturais do texto literário. Diversos temas contemplados no projeto foram inicialmente desenvolvidos na minha tese, como, por exemplo, a questão da transculturação, conceito antropológico que utilizei para discutir as transformações culturais ocorridas na tradução do texto de Proust ao português, ou ainda os pastiches, gênero textual caro a Marcel Proust, e que é pouco estudado fora de sua obra, embora mantenha estreita relação com a tradução, de modo geral. Além disso, desenvolvo o projeto de pesquisa intitulado "Os escritores-tradutores no Brasil e a formação do cânone literário", também fruto da tese, que busca refletir sobre a relação entre a escolha de escritores-tradutores de fama nacional reconhecida e a construção do cânone literário brasileiro. Além de aprofundar temas desenvolvidos na tese, como os precitados, tenho pesquisado sobre literatura de autoria feminina e teorias feministas da tradução, com a intenção de futuramente montar um grupo de pesquisa, porém se trata de um projeto embrionário, que necessita ainda de leituras e amadurecimento para ser posto em prática.

ENTREVISTA COM
LAÍS GONÇALVES NATALINO

Fernanda Christmann[1]
Willian Henrique Cândido Moura[2]

Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina e em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho. Mestra em Estudos da Tradução também pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014) e Bacharel em Secretariado Executivo Trilíngue com habilitação em Português, Inglês e Espanhol pela Universidade Estadual de Maringá (2011). Desenvolve pesquisas na área de tradução, comunicação intercultural, representação cultural, análise crítica do discurso, socio-semiótica visual e estudos de gênero. É pesquisadora do Grupo de Investigação em Gênero, Artes & Estudos Pós-coloniais (GAPS) no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM/UMinho) e bolsista pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) no projeto "Mulheres, artes e ditadura: os casos de Portugal, Brasil e países africanos de Língua Portuguesa".

Laís, estamos gratos por sua participação nesta entrevista e gostaríamos de saber, primeiramente, como foi sua trajetória acadêmica, até seu ingresso no mestrado e no doutorado na PGET. Qual o motivo que a levou a fazer pós-graduação na área

---

[1] Possui graduação em Administração com Habilitação em Marketing (FACC - 2007), Biblioteconomia (UFSC - 2017), mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET/UFSC e cursa doutorado Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET/UFSC.

[2] Mestrando da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Cursa a Especialização em Tradução Audiovisual de Espanhol da Universidade Estácio de Sá. É graduado em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Com bolsa do CNPq, desenvolve pesquisa sobre Tradução Audiovisual, Dublagem, Legendagem e Tabus Linguísticos. É tradutor e revisor de textos.

dos Estudos da Tradução, uma vez que sua primeira graduação foi em Secretariado Executivo na Universidade Estadual de Maringá?

A matriz curricular do curso de Secretariado Executivo Trilíngue da Universidade Estadual de Maringá inclui, nos quatro anos de curso, disciplinas obrigatórias em Língua Portuguesa e Língua Estrangeira. Isso me permitiu, ao longo de toda a minha formação, ter contato com diferentes tipos de texto em inglês e espanhol (as línguas nas quais decidi me especializar/habilitar).

No último ano de curso, tive disciplinas específicas sobre tradução, com destaque para a tradução técnica, que é aquela mais utilizada no dia a dia de profissionais do secretariado.

A partir desse primeiro contato com a tradução, busquei pesquisar, ler e descobrir mais sobre outras modalidades tradutórias e foi então que me interessei profundamente pela interface tradução e comunicação a partir de textos da mídia, da publicidade, do marketing internacional, entre outros textos multimodais como filmes, games etc.

Para mim, a chave foi compreender que tradução e comunicação estão totalmente relacionadas se quisermos falar de um mercado dinâmico, competitivo e globalizado. Acho que esse *insight* me fez querer me aprofundar nos Estudos da Tradução.

Em seu doutorado, você realizou Estágio Sanduíche na Universidade do Minho, o que acabou propiciando sua dupla titulação por meio da Cotutela. Poderia descrever a relevância, tanto para sua pesquisa quanto para sua vida pessoal, de ter participado do Sanduíche e da Cotutela em Portugal? Pode nos explicar como ocorreu esse processo?

A importância da experiência está sobretudo na possibilidade de troca e compartilhamento de experiências, dúvidas, metodologias com outros alunos, professores e pesquisadores, não só de Portugal, mas de outras partes da Europa.

Os diálogos possíveis a partir da experiência de intercâmbio acadêmico além de enriquecerem as pesquisas, os currículos e as bagagens profissionais, acabam por abrir portas para outras parcerias entre as instituições de ensino, desdobrando uma oportunidade, inicialmente individual, para outros futuros alunos e professores.

Relativamente ao processo, posso dizer que foi bastante burocrático, pois vejo que as instituições de ensino do Brasil e de Portugal têm algumas semelhanças no que diz respeito à burocratização de centralização dos serviços. Além disso os processos devem seguir as normas específicas de cada instituição envolvida, portanto, estas devem ser detalhadamente estudadas.

Sua tese de doutorado teve como objetivo analisar como profissionais de secretariado são culturalmente representados/as no Brasil e na Inglaterra. De que forma estar em Portugal auxiliou em sua pesquisa?

Portugal tem extrema relevância no meu contexto de investigação especialmente pelo conhecimento e especialização da Professora Silvana Mota Ribeiro na área da semiótica social e das análises visuais feministas.

Estar em Portugal em contato direto com a orientadora do exterior me possibilitou discutir e refletir sobre aspectos que talvez me passariam despercebidos durante as análises. Esse contato, as discussões, a participação em eventos com a mesma temática da minha pesquisa, assim como a consulta a referências que não tinha acesso no Brasil, foram fundamentais para a construção da tese.

Logo após obter o título de doutora, você retornou a Portugal para atuar como pesquisadora do Grupo de Investigação em Gênero, Artes & Estudos Pós-coloniais (GAPS) no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM/UMinho). Poderia nos descrever um pouco sobre esse grupo e de que forma a experiência que você adquiriu na PGET contribui com as pesquisas?

O GAPS integra os Estudos de Gênero e Estudos Feministas a diferentes áreas científicas, cujas pesquisas se debruçam sobre diferentes práticas de representação e linguagens artísticas num diálogo interdisciplinar, como: Literatura, Artes Visuais, Teatro, Performance e Cinema.

Durante meu percurso na PGET tive algum tipo de contato com essas diferentes áreas. Ainda que nem todas incidissem diretamente em meus objetos e objetivos de estudo, os eventos, congressos, seminários (especialmente os Seminários de Pesquisa em Andamento) permitiram que eu olhasse para essas diferentes áreas através das lentes e da perspectiva (teórica e prática) da tradução.

Considerando que o objetivo da minha tese de doutorado foi observar práticas de representação a partir da interface entre os Estudos da Tradução, da Comunicação e dos Estudos de Gênero, vejo que desenvolvi uma visão inter(e multi)disciplinar que é um ponto-chave para minha atuação no GAPS.

Você também desenvolve pesquisas na Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) no projeto *Mulheres, artes e ditadura: os casos de Portugal, Brasil e países africanos de Língua Portuguesa*. Nesse âmbito, onde os Estudos da Tradução se encaixam no projeto?

O projeto *Mulheres, artes e ditadura: os casos de Portugal, Brasil e países africanos de Língua Portuguesa* é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/ART-OUT/28051/2017) e incide sobre diferentes áreas para dar visibilidade ao trabalho produzido por mulheres nas artes visuais, literatura, no cinema, documentário, teatro e na performance. Os Estudos da Tradução, como área e disciplina interdisciplinar, podem ser utilizados no estudo de qualquer uma das áreas mencionadas, seja no destaque das obras que foram traduzidas por mulheres nos períodos ditatoriais, seja no destaque aos trabalhos censurados ou na adaptação de obras, nos reflexos desse período ao mercado editorial e nas práticas tradutórias da época, por exemplo.

Em sua apresentação no VII SEPGET você abordou a Interdisciplinaridade e Internacionalização na Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Como você visualiza a internacionalização da PGET e quais ações você sugeriria aos discentes, com o intuito de ampliarem suas participações nesse processo, tendo em vista sua experiência em outro país e o título obtido com a Cotutela?

Vejo que a PGET e a UFSC estão cada vez mais reconhecidas no exterior, sendo citadas como referência de qualidade e excelência no que se refere aos cursos de pós-graduação e das pesquisas realizadas. Isso, consequentemente, demonstra avanços nos processos de internacionalização.

Entretanto, como mencionei em minha apresentação no VII SEPGET, penso que ainda existe a necessidade de maior conhecimento, tanto por parte dos discentes quanto dos órgãos internos das instituições de ensino no Brasil e no exterior, sobre o processo burocrático, as possibilidades e os benefícios da internacionalização.

Penso, então, que o ideal seria um trabalho conjunto entre os pós-graduandos, professores e órgãos internos da universidade para melhor compreensão dos processos e normas, bem como para o estabelecimento de contatos e parcerias com instituições, pesquisadores e profissionais no exterior. Isso geraria benefícios tanto para as IE quanto para os professores e pesquisadores envolvidos.

Para encerrar nossa entrevista, gostaríamos de saber como você descreve a área de Estudos da Tradução no Brasil e em Portugal e de que forma você acredita que ela possa se desenvolver no futuro? Pensa que existem diferenças significativas com relação ao foco das pesquisas nesses dois países? Quais subáreas dos Estudos da Tradução você enxerga como sendo as mais promissoras e por quê?

Como mencionei na minha apresentação no VII SEPGET e também já pontuei aqui, vejo que o futuro, não só dos Estudos da Tradução, mas de grande parte das disciplinas e pesquisas acadêmicas, está nas abordagens interdisciplinares, isto é, que promovam diálogo com outras áreas do conhecimento. Nesse ponto, penso que os Estudos da Tradução no Brasil estão numa constante evolução desde a década de 1990. Entretanto, penso que, especialmente agora, há uma demanda, tanto no Brasil quanto em Portugal, por pesquisas e trabalhos que foquem na relação das novas mídias e tecnologias (o que inclui inteligência artificial, tecnologias educacionais e engenharia do conhecimento) ao ensino e às práticas de tradução no mundo moderno. Para mim essas temáticas serão cada vez mais relevantes e promissoras.

ENTREVISTA COM ARLENE KOGLIN

Morgana Aparecida de Matos[1]
Willian Henrique Cândido Moura[2]

Mestre em Estudos da Tradução pela Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC) e Doutora em Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa Estudos da Tradução, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Participou de três grupos de pesquisa onde concentra o trabalho científico na interface homem/máquina, investigando diretamente a relação entre o processo tradutório e cognitivo, a tradução humana e a pós-edição de textos traduzidos automaticamente.

Professora Arlene, estamos gratos por sua participação nesta entrevista e gostaríamos de saber, primeiramente, um pouco mais sobre sua trajetória profissional e acadêmica até seu encontro com

---

[1] Doutoranda da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Mestre em Relações Internacionais para o Mercosul (UNISUL). Especialista em Educação na Cultura Digital (UFSC); Licenciada em Letras – Inglês (UNIPLAC) e Espanhol (Univ. Metodista de SP); Bacharel em Relações Internacionais (UNISUL). Como bolsista CAPES-Excelência é pesquisadora de Tradução Audiovisual e Paratradução. Tradutora, professora e revisora de textos nos pares linguísticos inglês-português e espanhol-português.

[2] Mestrando da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Cursa a Especialização em Tradução Audiovisual de Espanhol da Universidade Estácio de Sá. É graduado em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Com bolsa do CNPq, desenvolve pesquisa sobre Tradução Audiovisual, Dublagem, Legendagem e Tabus Linguísticos. É tradutor e revisor de textos.

o mestrado da PGET, uma vez que observamos que sua formação inicial se deu no Rio Grande do Sul. Quais foram as suas motivações para ingressar na PGET?

Durante minha graduação na licenciatura em Letras: Português/Inglês, tive meu primeiro contato prático com a tradução. Possuía bolsa de trabalho no Hospital Universitário, onde tive demandas de tradução escrita e oral. Não que esta fosse a função para a qual fui contratada, mas por ter conhecimento de língua estrangeira, as demandas foram chegando até mim. E foi ali que me apaixonei pela tradução. Inicialmente procurei um bacharelado em tradução, pois estava decidida a mudar de curso. Por fim, optei por concluir a licenciatura e então fazer um mestrado que, claro, só poderia ser em tradução. Não cogitava outra possibilidade e, então, em 2005, prestes a me formar, encontrei a PGET, que fora criada recentemente. A descoberta do programa aconteceu por meio de buscas na Internet. Então, me apaixonei novamente ao perceber que era o único Programa de Pós-Graduação, no Brasil, totalmente voltado para a tradução. Não tive dúvidas: faria a seleção até ser aprovada, que felizmente aconteceu na primeira tentativa.

Observando sua trajetória acadêmica após seu mestrado na PGET, com sua inserção no Doutorado em Linguística da UFMG, sua experiência profissional na UFPEL e agora como professora na UFPE, qual é, em sua opinião, o diferencial da PGET em relação a outros cursos de Pós-Graduação?

Como já comentei anteriormente, um dos diferenciais da PGET se encontra na completa imersão em tradução. Quer dizer, as disciplinas, cursos, palestras, eventos em geral são todos voltados à tradução, o que não apenas nos fortalece enquanto campo disciplinar e profissionais da área, como propicia inserção profissional e acadêmica mais direcionada e de qualidade. Outro diferencial do programa são os diversos acordos de cooperação internacional que permitem aos seus pós-graduandos a

interação (e desenvolvimento de pesquisas) em outras instituições fora do Brasil.

Ao verificarmos as temáticas dos grupos de pesquisa que você participou, vemos a contemporaneidade das pesquisas, as quais incluem o processo tradutório e as relações com a tradução automática. Além disso você também desenvolve pesquisa na área de Tradução Audiovisual. Sabemos que essas linhas de estudos nem sempre contemplam a tradução de obras canônicas, mas, sim, de obras que chamaríamos de "populares" ou "técnicas", incluindo artigos jornalísticos, sem desmerecê-las ou mesmo distanciá-las do âmbito cultural e artístico. Com isso, gostaríamos de saber sobre o que a motivou a desenvolver esses trabalhos?

De certa maneira, minha relação com a tradução audiovisual já se deu (ainda que indiretamente) durante a graduação. Na época, eu era bolsista de ensino em um projeto de extensão, onde também desenvolvíamos pesquisa relacionada ao ensino de línguas estrangeiras. No meu caso, investiguei o uso de filmes legendados para ensino de língua inglesa a brasileiros. Ao mesmo tempo, trabalhava com tradução no Hospital Universitário. A combinação da experiência de pesquisa aliada à prática empírica em tradução acabou me instigando a tentar entender o motivo de algumas escolhas tradutórias nas legendas que, por fim, me levou à pesquisa de mestrado.

Quanto ao interesse pela tradução técnica/especializada, meu primeiro contato também se deu por meio da prática empírica. E, isso, talvez tenha influenciado meu interesse em me aprofundar no entendimento sobre as habilidades e dificuldades envolvidas nesta modalidade.

A pesquisa realizada com metáforas também nos parece muito instigante. A tradução de metáforas, principalmente no par de línguas inglês-português, parece-nos bastante desafiadora. Em suas pesquisas, ocorreu algum desfecho tradutológico que você

tenha considerado muito diferente daquele que foi idealizado inicialmente? Alguma metáfora foi mais difícil de ser traduzida do que outra?

De fato, traduzir metáforas pode ser bastante desafiador. Antes de iniciar a pesquisa de doutorado, eu arriscaria dizer que traduzir metáforas em textos humorísticos ou em textos com restrições técnicas e pragmáticas, como a legendagem, poderia ser um dos contextos mais desafiadores. Porém, ao trabalhar com um texto jornalístico na pesquisa de doutorado, um novo cenário se mostrou. Alguns dos tradutores profissionais que participaram da pesquisa apontaram a dificuldade em traduzir especialmente uma das metáforas (The Tea Party Pork Binge) em função do contexto. E isso, na verdade, corrobora o que já foi observado em outros estudos processuais sobre metáforas, em que a dificuldade está associada ao não compartilhamento de domínios cognitivos no contexto de partida e de chegada ou então à aplicabilidade da imagem metafórica na língua de chegada.

Sua relação profissional, como professora universitária, também pode ser vislumbrada no projeto de pesquisa intitulado "Aquisição, aprendizagem e processamento da linguagem oral e escrita", do qual também faz parte. Chamou-nos a atenção, sua relação constante com o "processo", isto é, o processo de tradução, o processo de pós-edição, o processo cognitivo na tradução e, aqui, o processamento da linguagem na aprendizagem. Correlacionamos esse tema ao seu fazer pedagógico. Há realmente uma correlação? Qual sua motivação com relação ao estudo dos "processos"?

Diria que minha motivação está relacionada à prática empírica e ao "como". Antes de olhar para os efeitos das escolhas tradutórias, me interessa conhecer o caminho percorrido pelo tradutor até chegar àquela solução. Sinto-me especialmente instigada a entender as fases do processo e os aspectos cognitivos envolvidos tanto na tarefa tradutória

quanto no ensino/aprendizagem. Ou seja, tenho curiosidade em saber como se chega a determinada escolha tradutória a partir de variadas possibilidades. E de que forma essa tomada de decisão é influenciada, por exemplo, pela expertise do tradutor, pelas restrições de mercado ou por outros fatores. Por outro lado, entender sobre as habilidades cognitivas utilizadas na tarefa tradutória também me auxilia, enquanto formadora de tradutores, a escolher um fazer pedagógico, ou uma didática de ensino, que possa contribuir para o desenvolvimento e aquisição da competência tradutória.

Sua apresentação durante o SEPGET, intitulada TRADUÇÃO (E PÓS-EDIÇÃO) DE METÁFORAS: DO PRODUTO AO PROCESSO TRADUTÓRIO, obteve uma grande e positiva repercussão entre os participantes do evento. Verificamos que a metodologia de triangulação de dados processuais do seu trabalho, esmiuçada com a apresentação dos instrumentos de pesquisa, foram fundamentais para a análise dos dados. Gostaríamos que você falasse sobre esses resultados e sobre como foi elencar os instrumentos de pesquisa para delinear sua metodologia.

Os avanços das pesquisas empírico-experimentais na tradução iniciaram na metade dos anos 90 com a adoção da triangulação. Esta perspectiva metodológica utiliza conjuntamente instrumentos como protocolos verbais (livres e guiados), questionários e, mais recentemente, também softwares como o Translog, além do rastreamento ocular. No caso da minha pesquisa, propus ainda a adição da Escala de Likert para medir os efeitos cognitivos. A adoção da triangulação permite também fazer a aplicação conjunta de análises quantitativas e qualitativas, o que nos traz um entendimento mais completo e confiável sobre o processo tradutório. Quanto aos resultados da minha pesquisa, gostaria de mencionar inicialmente aqueles de ordem metodológica. Em primeiro lugar, constatamos que a aplicação de uma Escala Likert para mensurar efeitos cognitivos se mostrou promissora, visto que possibilitou mensurar quantitativamente e sem a subjetividade do pesquisador a

interação entre esforço e efeitos cognitivos. Além disso, em relação aos dados de rastreamento ocular, temos indícios favoráveis para validação da dilatação da pupila como medida indicadora de esforço cognitivo. E, por fim, no que diz respeito à viabilidade da tradução automática (seguida de pós-edição) dos textos jornalísticos, pudemos constatar diminuição significativa do tempo total alocado na PE, o que constitui um ponto favorável à pós-edição desse tipo de textos. Especialmente pelo fato de que a redução de tempo é uma das razões centrais para a indústria adotar a pós-edição.

Estamos chegando ao fim de nossa entrevista e gostaríamos de saber se há algum projeto que esteja em vias de desenvolvimento. Você poderia nos contar sobre seus projetos futuros?

Os projetos atuais estão relacionados à investigação sobre os impactos e a viabilidade da legendagem auxiliada por tradução automática. No contexto europeu já há alguns pesquisadores trabalhando com isso e então resolvemos testar a aplicabilidade da tradução automática e (pós-edição) no par linguístico inglês / português brasileiro. O projeto de pesquisa, também de caráter empírico experimental, e que está em vias de ser aprovado, será um estudo que busca investigar não só aspectos processuais da interação homem-máquina na modalidade TAV, como também a recepção do produto pós-editado. Há, além disso, negociações em andamento para desenvolvimento de pesquisas em colaboração com outras.

ENTREVISTA COM TELMA FRANCO DINIZ

Emily Arcego[1]
Fernanda Christmann[2]

Telma Franco Diniz é doutora em Estudos da Tradução (USP/2018), mestre em Estudos da Tradução (UFSC/2012) e especialista em Tradução Literária (2004 - 2005) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. Além disso, fez estágio no Centro de Estudos de Literatura Infantil - *Children's Literature Research Centre*, em Cambridge, Inglaterra. Atua como tradutora e revisora de textos literários, principalmente com poesia e literatura infantil e legendagem no par de línguas inglês/português. Seus interesses incluem estudos sobre tradução, poesia, literatura infantil e leitura.

Telma, estamos gratas por sua participação nesta entrevista e gostaríamos de saber, primeiramente, um pouco mais sobre sua trajetória profissional e acadêmica até seu encontro com o mestrado da PGET, uma vez que observamos que sua formação iniciou com a graduação em Engenharia Química, posteriormente mestrado em Engenharia de Alimentos e só então o mestrado em Estudos da Tradução na PGET.

---

[1] Doutoranda e mestra do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC) e bolsista CAPES. Possui Licenciatura em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus Erechim (2011). Especialização em Tradução pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015). Possui experiência na área de Letras/ Inglês, atua principalmente nos seguintes temas: ensino de língua inglesa, tradução e, revisão.
[2] Possui graduação em Administração com Habilitação em Marketing (FACC - 2007), Biblioteconomia (UFSC - 2017), mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET/UFSC e cursa doutorado Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET/UFSC.

Fiquei muito feliz com o convite, e também muito grata. De fato, minha formação inicial foi em Engenharia Química. Acho que todos nós temos muitos interesses na vida, e somos instados, ainda muito jovens, e com pouco autoconhecimento, a escolher um desses únicos interesses como ganha-pão para o resto da vida. Quase sempre existe uma versão longa e uma versão curta para esse tipo de escolha. Tentarei ser sucinta: escolhi Engenharia Química por ser fascinada por química, ciência que guarda uma das chaves para explicar a origem do universo e da vida; mas a escolhi principalmente por ter ficado convencida de que eu teria mais chances de obter emprego no ramo da engenharia do que nas outras áreas que me interessavam, especialmente antropologia, literatura e história. Eu me formei em Engenharia Química na Universidade Federal de Uberlândia em julho de 1983, no auge de uma crise econômica tão grave quanto a que enfrentamos agora, e não consegui me colocar no mercado, mesmo tendo mudado para São Paulo logo após me formar. Assim, o mestrado em Engenharia de Alimentos na USP despontou como uma oportunidade para me especializar, enriquecer os conhecimentos e também o currículo, visando uma futura colocação. De fato, fui contratada no mesmíssimo dia em que defendi a dissertação de mestrado – não como engenheira, mas como professora de Tecnologia de Alimentos nas Faculdades Oswaldo Cruz. Fiquei no cargo por quase dois anos, durante os quais continuei me atualizando na área, fazendo cursos de especialização no ITAL (Instituto de Tecnologia de Alimentos), em Campinas. Mas o interesse por humanas e literatura nunca saiu do meu radar. Eu lia muito e sempre que possível assistia a palestras sobre poesia na FFLCH. Deixei o cargo de professora para acompanhar meu marido aos Estados Unidos, onde ele foi terminar o doutorado em economia. Lá fiz uma oficina sobre roteiros de cinema e frequentei, como ouvinte, um curso sobre política na América Latina, oferecido pelo departamento de Ciência Política da UCSD. Li e escrevi muito enquanto estava lá. Diários, cartas, poemas, e até um roteiro, que não cheguei a terminar. Meu vínculo com a engenharia foi ficando cada vez mais distante e, ao voltar ao Brasil, peguei outro caminho: comecei a dar aulas de inglês e, nas horas vagas, a "treinar a mão" traduzindo poemas e canções populares. Ingressei

"oficialmente" no mundo da tradução ao ser aprovada no concurso para "tradutor público e intérprete comercial" promovido pela JUCESP, em 1999. Enquanto a nomeação não saía, concorri a uma vaga de tradutora de legendas na Videolar. O teste consistia em escrever uma resenha sobre um dos meus filmes favoritos, além de traduzir trechos de três filmes diferentes: o primeiro tratava de um bando de mafiosos em Las Vegas; o segundo era uma adaptação de um clássico da literatura inglesa; e o terceiro, um desenho infantil. Na entrevista que se seguiu, disseram que haviam gostado do meu texto, mas as traduções estavam "longas e sérias", e sugeriram que eu fizesse um mês de treinamento. Assim, durante quase um mês eu traduzi diariamente trechos de filmes que depois eram revisados por um experiente tradutor da casa, junto comigo. Aprendi que na tradução de legendas é essencial saber condensar o que é dito para que o espectador tenha tempo de ler e também apreciar a cena. Depois, com a prática, aprendi a condensar as falas, e a deixá-las informais sem assassinar a gramática, uma vez que, na época, os estúdios exigiam que as legendas fossem escritas no português padrão. Um ano depois, quando finalmente saiu a nomeação para tradutora pública, eu já tinha sido completamente fisgada pela tradução em legendas, e embora tenha concluído todos os trâmites para assumir a função de tradutora pública, nunca cheguei a atuar como tal, pois preferi continuar traduzindo legendas. Logo consegui outro emprego numa empresa pontocom, onde diariamente eu traduzia artigos sobre economia, finanças ou sociologia, para a página de conteúdo deles. Os desafios e impasses tradutórios, especialmente na tradução em legendas, eram constantes – "devo ou não devo adaptar as referências culturais?", eu me perguntava, por exemplo. Sentia necessidade de bases teóricas para fundamentar minhas decisões, e então me inscrevi no curso de Especialização em Tradução que havia na USP. Foi então que aprendi a dar nome a algumas de minhas incertezas: 'não adaptar' poderia ser classificado como 'estrangeirizar'; e 'adaptar', como 'domesticar'. Certas dúvidas sobre como proceder em momentos específicos continuariam, mas percebi que não estava sozinha nos meus questionamentos, e que estudiosos da tradução levavam aquelas dúvidas a sério. Logo fiquei

sabendo do mestrado em Estudos da Tradução da PGET, e durante três anos flertei com a possibilidade. Não foi fácil quando me decidi a tentar, pois não tinha condições de me mudar definitivamente para Florianópolis, naquele momento. Durante os dois semestres em que cursei as disciplinas, viajei para Floripa de ônibus uma vez por semana, toda semana: chegava na UFSC cedinho, cursava uma disciplina de manhã e outra à tarde, e voltava para São Paulo no fim do dia, também de ônibus. Fiz isso durante um ano dos mais felizes. Eu amava afastar a cortina para ver a silhueta das gaivotas voando contra o púrpura-vermelho-rosa-alaranjado do sol nascente, enquanto o ônibus percorria o trecho entre Camboriú e a ilha. Fiz amizade com pessoas incríveis, com quem ainda mantenho contato, embora não os veja com frequência. Guardo lindas lembranças daquele tempo na PGET, além do meu diploma de Mestre.

Observando sua trajetória acadêmica multidisciplinar, qual o diferencial da PGET em relação a outros cursos de Pós-Graduação que você frequentou?

Eu cursei a PGET há cerca de dez anos, e fiquei muito impressionada com os esforços da coordenação em estimular a participação dos alunos nas palestras e minicursos sobre tradução, organizados pelos professores e pela própria coordenação. A presença nesses eventos contava ponto para concorrer a bolsas, e as salas ficavam cheias. Isso não só deu mais visibilidade aos Estudos da Tradução, e à profissão (já que deixava os alunos a par de diferentes ideias e do que se estava fazendo em outras partes do Brasil e do mundo), como também estreitou os laços entre os alunos, e entre estes e os professores, uma vez que quase todos se encontravam ali também. O Seminário de Egressos também se mostrou uma ótima iniciativa da PGET, ao dar a todos a chance de conhecer os trabalhos desenvolvidos no decorrer da carreira acadêmica, tanto na própria UFSC, quanto em outras instituições. Um doutorado exige muita dedicação, e muitas vezes é um trabalho solitário e sofrido, mas esses eventos congregam as pessoas e lhes dão um alento,

um respiro. Acredito que todos saem deles com uma sensação de pertencimento e realização. Outro diferencial da PGET é o fecundo intercâmbio entre instituições brasileiras e internacionais. Durante o mestrado, tive a oportunidade de estar num grupo de alunos da PGET que passou duas semanas em Belo Horizonte, fazendo um curso sobre tradução, adaptação e recriação, junto com um grupo de alunos da PÓS-LIT. O curso foi ministrado na Faculdade de Letras da UFMG pela professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, da UFMG, e pela professora Maria de Fátima Souza e Silva, da Universidade de Coimbra, especialistas em tradução e adaptação de clássicos gregos e latinos. O curso rendeu o livro *Tradução e recriação*, que contou com a participação dos alunos, e organização das duas professoras. Tudo só foi possível porque a UFMG e a UFSC haviam firmado acordo no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD). É também muito interessante a possibilidade de cursar disciplinas em cursos intensivos, em geral de duas semanas, como oferecido na PGET. Uma das disciplinas que cursei, sobre tradução de literatura infantil, foi ministrada pelo professor Lincoln Fernandes num desses intensivões. Apesar do cansaço de estudar o dia inteiro e ainda ter de ler textos à noite para o dia seguinte, considero que é uma ótima maneira de se cursar disciplinas com professores convidados, além de ser bastante prático para alunos que não moram na cidade, como era meu caso. Em duas semanas eu cursei uma disciplina que, da maneira regular, levaria o semestre inteiro.

Você atua como tradutora e revisora de textos literários, principalmente com poesia e literatura infantil e, legendagem no par de línguas inglês/português. Como você começou sua carreira como tradutora? Em sua opinião, as teorias da tradução a auxiliaram em sua prática?

Sim, como já adiantei na primeira pergunta, minha carreira de tradutora começou no ano 2000, na Videolar, na época um reconhecido estúdio de produção de legendas para videocassetes e DVDs. Eles também produziam o suporte (videocassetes e DVDs) e duplicavam os

produtos finais para grandes empresas do entretenimento, como Warner, Disney, Columbia, Fox, SBT, Paramount, Universal etc. A tradução e a legendagem faziam parte do produto final, e essas empresas contratavam o pacote completo. Assim, na época áurea da migração de videocassetes para DVDs, havia um mundo inteiro à espera de ser traduzido, e fartura de trabalho para todos: o plantel de tradutores e revisores era bastante amplo, assim como o de marcadores de legenda. O departamento de Tradução e Legendagem trabalhava noite e dia, e ocupava uma área nobre, com direito a janelas imensas dando vista para um jardim, do alto do quarto andar do prédio, em Barueri. Quando a Internet assumiu a liderança do entretenimento e o mercado de DVDs começou a perder a força, a empresa gradativamente foi deixando de duplicá-los, e também de oferecer o serviço de legendagem. O departamento de tradução gradativamente desceu as escadas, mudando para espaços sem janelas, cada vez menores, até perder de vista. Hoje a empresa se chama Videolar-Innova e se transmutou em fábrica de poliestireno, matéria prima para produtos plásticos.

Meu ingresso na tradução foi eminentemente prático, e logo me deparei com dilemas que me levavam a refletir, mas que em geral tinham de ser resolvidos com urgência. Entretanto, reflexão não combina muito com urgência. Talvez por isso eu faça parte do grupo de tradutores que acredita que a prática tradutória anda melhor de mãos dadas com a teoria, já que a teoria também convida à reflexão. Isso não significa que eu ache imprescindível que um tradutor estude teoria para bem traduzir. Mesmo ignorando a teoria, os próprios impasses com que nos deparamos durante o processo tradutório acabam nos colocando no lugar do leitor ou espectador, induzindo-nos a buscar a melhor saída dentro do escasso tempo que temos. Porém, um tradutor que lê sobre seu ofício e procura ficar a par das discussões sobre tradução, e sobre o que se pensa e se faz em tradução, em geral se torna mais apto para defender suas estratégias tradutórias perante seus clientes, perante a mídia ou mesmo perante a comunidade acadêmica, responsável pelas críticas mais fundamentadas. A resposta, portanto, é "sim". As teorias da tradução me auxiliam a pensar meu ofício. Mais detalhes na próxima questão.

Quais recursos você utiliza na hora de traduzir poesia? Qual é sua sugestão para quem deseja traduzir esta tipologia textual?

Antes de mais nada, para traduzir bem é preciso ler muito bem. Isso obviamente serve para qualquer tipologia textual, porém, no caso da poesia, é preciso ler muitíssimo bem além de – e aí vem outra 'obviedade' – gostar de poesia. O fato é que, em geral, a tradutora (ou tradutor) de poesia convive muito tempo com o mesmo poema, ou mesmo com um único verso até encontrar uma solução satisfatória. Ocorre que a tradução de poesia, devido à sua densa carga estética, talvez seja o gênero textual que mais exige tempo de elaboração. A gente aprende muito traduzindo e retraduzindo aqueles poemas de que mais gostamos, mas eu particularmente aprendi ainda mais ao ler ensaios e artigos acadêmicos de tradutores de poesia que comentavam e discorriam sobre suas estratégias e escolhas tradutórias. Foi um grande aprendizado ler Paulo Henriques Britto. Ele traduziu extensamente a obra de Elizabeth Bishop, além de outros poetas, e comentou sua abordagem e seu *modus operandi* em excelentes artigos publicados em periódicos como *Cadernos de Tradução*; *Tradução em Revista*; e *Cadernos de Literatura em Tradução*. Suas reflexões me auxiliaram muito em minha prática tradutória. Os escritos sobre tradução oriundos da tradutora e poeta Ana Cristina Cesar também são fascinantes. Gosto muito do ensaio "Cinco e meio" (*Crítica e tradução*) em que Ana C. discorre sobre sua experiência traduzindo Emily Dickinson. Aprendi muito também com Haroldo de Campos: *Transluciferação mefistofáustica* é genial; também vale a pena ler o livro *Transcriação*, que reúne seus ensaios sobre tradução, organizado por Marcelo Tápia e Thelma Nóbrega. Verdadeiras aulas de poesia e de tradução de poesia são os artigos de Alípio Correia, poeta que traduz James Joyce, Gerard Hopkins, Philip Larkin, e compara uma boa tradução poética a um "cerzido invisível" – sobre isso, ele tem um excelente artigo na revista de Estudos Avançados, da USP. *Poética da tradução*, de Mario Laranjeira, também é fantástico; dele salta uma joia a cada virar de página. Imperdível!

Como é a Telma como leitora, qual gênero você prefere ler? Gosta mais de ler os originais ou as traduções?

Gosto de romances, poesia, crônicas, contos, fantasia, ensaios... Eu ainda leio jornal no papel, e adoro literatura infantil! Gosto de ler os originais, mas também leio muita tradução, já que são poucas as línguas que domino. Mas também leio traduções nas línguas que domino para conferir, estudar, aprender e refletir sobre as estratégias, saídas, achados, e invenções de que os tradutores se valeram para contornar determinadas complexidades no original.

Qual sua opinião sobre o tradutor ser um (co)autor da Obra? Você acredita que, após o livro ser traduzido, ele passa a ser uma obra do tradutor identificado também como autor?

Eu acho que a tradutora ou tradutor são, sim, no mínimo, (co)autoras. Como tradutores, procuramos reinventar os jogos de palavras, o ritmo, as rimas e a métrica, quando as há, além de atentar para o registro de fala das personagens, se este é mais informal, ou não, além de dar atenção para o tom geral da obra.

Em 2019, sua Tese intitulada: *Tradução de poesia infantil e sua recepção via Pensar Alto em Grupo: "As meninas" e "O menino (azul)"* teve duas indicações, uma ao Prêmio CAPES de Tese pelo Programa de Pós TRADUSP, CAPES/Edição 2019 e outra ao Prêmio Tese Destaque USP pelo Programa de Pós TRADUSP, Pró-Reitoria de Pós-Graduação USP Convênio USP/Santander. Qual o significado destas indicações para você?

Eu fiquei absolutamente feliz, encantada e lisonjeada com essas indicações, pois acho que elas representam um reconhecimento à seriedade, franqueza e poeticidade do trabalho que desenvolvi junto às crianças, leitoras dos originais da Cecília Meireles em português, e

também junto às crianças estrangeiras que leram as respectivas traduções para o inglês – no caso, realizadas por mim e pela tradutora e poeta britânica Sarah Rebecca Kersley, que vive no Brasil há cerca de dez anos.

Estamos chegando ao fim de nossa entrevista e gostaríamos de saber se você gostaria de complementar algo sobre suas obras traduzidas, carreira, projetos e nos contar sobre seus planos futuros?

Quero voltar a traduzir muito, e também tenho planos de ingressar num pós-doutorado para continuar o trabalho de averiguar a recepção de poesia junto ao público infantil e juvenil, como fiz no doutorado. Na tese, lancei mão da prática de letramento *Pensar Alto em Grupo* para acessar a interpretação das crianças tanto em relação aos originais da Cecília Meireles quanto em relação às traduções. Os resultados foram surpreendentes, evidenciando que é preciso cuidado redobrado ao traduzir ou produzir obras para o público infantil. Os resultados também confirmaram a hipótese de que nossas leituras são feitas a partir do contexto em que vivemos, de nossa ancoragem linguístico-cultural em conjunto com nossa história de vida e conhecimento de mundo, ou leitura de mundo, com base em obras já lidas e em tudo o que já vivemos. Como disse Leonardo Boff, "todo ponto de vista é a vista de um ponto". Ou ainda, citando o mesmo autor, "Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam."

ENTREVISTA COM
KALL LYWS BARROSO SALES

Fernanda Christmann[1]
Bruna Silva Fragoso[2]

É professor adjunto do curso de Letras-Francês da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (2018), vice-coordenador de pesquisa da FALE e coordenador pedagógico da Casa de Cultura de Expressão Francesa e do Programa de Línguas Estrangeiras no Interior-Francês. O Prof. Kall Sales é doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, com bolsa PDSE na Université Bordeaux-Montaigne (2017), e, no mesmo programa, Mestre em Estudos da Tradução (2014). Tem especialização em Estudos da Tradução pela Universidade Federal do Ceará (2010), instituição na qual fez sua graduação em Letras com habilitação em português-francês e respectivas literaturas (2009). Além disso, é graduado em Sistemas Produtivos pela Faculdade de Tecnologia do Nordeste (2007).

Dr. Kall, estamos gratas por sua participação nesta entrevista e gostaríamos de saber, inicialmente, como foi sua trajetória acadêmica, até seu encontro com o mestrado e doutorado na PGET, e em qual momento você teve interesse pela tradução, uma vez que sua primeira graduação foi em Sistema Produtivos e, posteriormente em Letras Francês.

---

[1] Possui graduação em Administração com Habilitação em Marketing (FACC - 2007), Biblioteconomia (UFSC - 2017), mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET/UFSC e cursa doutorado Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET/UFSC.

[2] Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura (PGLIT) pela Universidade Federal de Santa Catarina/Florianópolis. Graduação em Arquivologia pela UFSC (2017). Integra o Núcleo de Estudos Literários & Culturais (NELIC).

Primeiramente, gostaria de agradecer à Fernanda Christmann e à Bruna Silva Fragoso pelo gentil convite para participar desta entrevista e para falar um pouco sobre a minha trajetória nos Estudos da Tradução. Minha primeira formação foi em Sistemas Produtivos pela Faculdade de Tecnologia do Nordeste, primeiro curso superior que fiz, porém em uma área na qual atuei muito pouco em minha trajetória profissional. Somente no curso de Letras com habilitação em português/francês e respectivas literaturas, da Universidade Federal do Ceará, que eu encontrei a carreira que mais se adequava aos meus anseios e às minhas expectativas: o magistério. Durante a graduação eu fui me descobrindo professor, e foi na minha atuação como professor no Projeto Novo Vestibular, projeto de extensão vinculado ao Departamento de História, e na Casa de Cultura Francesa, projeto de extensão vinculado ao curso de Letras estrangeiras, que eu comecei a perceber a importância do ensino público, de qualidade, e acessível a todas as pessoas, bandeiras que defendo atualmente. Foi também na graduação que eu dei meus primeiros passos no mundo da tradução, com as disciplinas de língua e cultura grega ofertadas pela professora Ana Maria César Pompeu. Nestas disciplinas, o ensino da língua e os exercícios eram voltados para a tradução de textos adaptados em grego clássico e de fragmentos de obras clássicas no original. Desde então, a tradução acompanhou meus passos na carreira acadêmica. Logo após terminar o curso de Letras, a Universidade Federal do Ceará lançou o edital para a primeira turma de Especialização em Estudos da Tradução, e que, para língua francesa haveria apenas cinco vagas. Eu fui aprovado na seleção e fiz, durante dois anos, essa especialização, defendendo uma monografia intitulada *O Segredo de Brokeback Mountain: a construção do espaço homoafetivo na tela*, orientado pelo professor Dr. Carlos Augusto Viana. Durante a especialização tive acesso às informações referentes ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, sobretudo nas aulas da professora Dra. Carolina Torquato pois, em sua disciplina, analisávamos e estudávamos o material teórico produzido pela PGET tanto a coleção *Clássicos da Tradução* quanto os artigos da revista *Cadernos de Tradução*. A partir dessa especialização,

continuei estudando as teorias da tradução, pois tinha como objetivo me candidatar ao mestrado da PGET na Universidade Federal de Santa Catarina.

Durante o período em que esteve na PGET houve oportunidades de interagir com convidados externos, professores e colegas. Você pode citar algo ou algum momento durante sua vida acadêmica no Programa, que tenha sido marcante para sua vida? Pode ser um professor ou professora, evento ou mesmo disciplina que tenha cursado.

A passagem pela PGET foi essencial para minha formação e não consigo expressar tudo que vivi no Centro de Comunicação e Expressão sem me emocionar. A UFSC foi um lugar realmente marcante na minha vida pessoal e profissional pois, nela eu conheci professores e professoras incríveis que compartilharam suas experiências e contribuíram incomensuravelmente na minha formação. Durante o mestrado e o doutorado eu conheci muita gente cativante e que ainda faz parte das minhas rotinas, da minha vida. Não posso deixar de mencionar a professora Marie-Hélène C. Torres que foi uma das maiores apoiadoras do meu trabalho, verdadeira apaixonada pela tradução e que transmite essa paixão em suas aulas. Ela me orientou no mestrado e no doutorado, acompanhando minha pesquisa de perto. Além da Marie, várias professoras e professores da PGET foram essenciais para despertar em mim a vontade de continuar nos Estudos da Tradução: as professoras Andreia Guerini, Karini Simoni, o professor Jean Gilles Abes, e as professoras Germana Henriques Pereira e Alice Maria Ferreira de Araújo que, gentilmente, contribuíram com suas experiências para meu percurso na escrita dos meus trabalhos.

Você poderia descrever a relevância, tanto para sua pesquisa quanto para sua vida pessoal, de ter realizado o Estágio Sanduíche na Université Michel de Montaigne Bordeaux, na França, sob orientação da Profa. Ilana Heineberg?

Para mim a experiência de ter realizado um doutorado sanduíche foi única já que esta foi minha primeira viagem ao exterior. Por ter vindo de uma família pobre do interior do estado do Ceará, ter conseguido um estágio na Université Bordeaux de Montaigne foi algo muito significante para mim e, por mais clichê que possa parecer, foi a realização de um sonho. A orientação com a professora Ilana Heineberg foi indicação da minha orientadora no Brasil, pois a professora Ilana foi a tradutora de diversas obras do francês para o português, inclusive de textos clássicos de Flaubert e de Balzac. Com suas aulas e sua orientação, os quatro meses em Bordeaux foram muito produtivos, porque realizei diversas atividades das quais posso elencar a participação na organização do Colóquio Internacional *Histoires de La littérature et fragments de littératures oubliées I: mondes américains en interaction*. Além desse evento, eu e a professora Ilana publicamos o artigo: "Representação de sotaques e oralidade na tradução francesa de *Estive em Lisboa* e *Lembrei de Você*, de Luiz Ruffato" na Revista Belas Infiéis. A discussão que apresentamos neste artigo sobre representação e tradução de sotaques na obra de Rufatto foi muito importante para a elaboração de um dos capítulos da minha tese. Ainda nesta experiência, eu tive a oportunidade de apresentar minha pesquisa no *1er Congrès Mondial de Traductologie*, realizado na Université Paris-Nanterre, em Paris. Este evento contou com a participação de diversos estudantes e professores da PGET.

Logo após obter o título de doutor você ingressou como Professor na Universidade Federal de Alagoas no Curso de Letras-Francês. De que forma você utiliza da sua formação em Estudos da Tradução no seu dia-a-dia acadêmico?

Tanto a formação da PGET quanto minhas atividades como representante discente durante o doutorado me ofereceram algumas das bases teóricas e práticas que utilizo para desenvolver os trabalhos que tenho atualmente na Universidade Federal de Alagoas. Aqui, eu sou um dos professores que desenvolvem pesquisas voltadas para os Estudos da

Tradução e, desde o início de 2019, alguns trabalhos sobre teoria, crítica e história da tradução já foram realizados. Sabendo que os professores da UFAL já possuem pesquisas voltadas aos Estudos da Tradução, é importante fazer referência aos trabalhos existentes como, por exemplo, as pesquisas do grupo Literatura e Utopia e, em 2017, o lançamento do livro *Traduções da cultura – perspectivas críticas feministas (1970-2010)*, organizado pelas professoras Izabel Brandão, Ildney Cavalcanti, Claudia de Lima Costa e Ana Cecília A. Lima.

Atualmente oriento três trabalhos de conclusão de curso voltados para os Estudos da Tradução: um sobre as traduções de Colette no Brasil, outro sobre Estudos da Tradução no Brasil e o terceiro sobre Tradução Intersemiótica, todos com previsão de defesa para o início de 2020. Além dos TCCs, eu tenho três orientandas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) que não trabalham diretamente com Estudos da Tradução, mas pesquisam sobre as literaturas francófonas, discussão que apresento no mestrado e no doutorado. Além dessas atividades, eu e o professor Daniel Cruz, do curso de Letras-Inglês, criamos um grupo de Estudos da Tradução e nosso objetivo, para 2020, é transformá-lo em grupo de pesquisa da Universidade.

Com os professores do curso de Letras-Francês, Rosária Costa, Márcio Cruz e Yann Hamonic, organizamos a primeira edição do Colóquio de Literaturas em Tradução que teve como título: *Obras de Jean Cocteau traduzidas no Brasil*. A palestra inaugural foi realizada pelo professor Wellington Júnio Costa, da Universidade Federal de Sergipe, que, além falar sobre as traduções de Cocteau no Brasil, lançou a sua mais recente tradução: o livro *O Potomak* (2019), primeira tradução da obra no Brasil, e escolheu a UFAL para o lançamento oficial, em Alagoas.

Ainda em 2019, organizei os Seminários de Estudos da Tradução, no qual apresentei algumas palestras sobre textos clássicos da teoria da Tradução, textos elaborados por pesquisadores da PGET. Como resultado destes encontros, publiquei com Lucas Gois, um dos participantes do grupo de estudo, a resenha de tradução do livro *Cantos para meus netos*, de Victor Hugo, tradução de Marie-Hélène Catherine Torres.

Podemos observar em seu currículo que, logo após ingressar como Professor na Universidade Federal de Alagoas, você assumiu os cargos de coordenador da Casa de Cultura de Expressão Francesa e de coordenador pedagógico de francês do Programa de Línguas Estrangeiras no Interior. O que o motivou a assumir estes cargos administrativos?

A maior motivação para eu ter assumido estes cargos administrativos foi minha ideologia de trabalho pois, como defendo uma universidade pública, gratuita e de qualidade, nada mais oportuno do que trabalhar com a extensão universitária que, na UFAL, desenvolve trabalhos de importância ímpar para a comunidade alagoana. Um deles é a Casa de Cultura de Expressão Francesa que oferece cursos gratuitos de língua francesa em diversos níveis à comunidade, além de oferecer bolsas de extensão para os professores em formação inicial que estão nos semestres avançados do curso de Letras-Francês. Ainda dentro da Extensão, tive a oportunidade de ser o coordenador pedagógico de francês no Programa de Línguas Estrangeiras no Interior – PLEI, programa pioneiro idealizado pela Assessoria de Intercambio Internacional, pela Faculdade de Letras e organizado pela professora Ana Clara Magalhães, desde janeiro de 2019. Este projeto tem como objetivo levar cursos de línguas (espanhol, francês, inglês) para os campi do interior da UFAL e atende as seguintes cidades: Arapiraca, Palmeira dos Índios, Delmiro Gouveia, Penedo e Santana do Ipanema. Para a língua francesa, língua que não é ensinada na grade curricular das escolas, ações como estas são muito importantes para difusão e democratização do conhecimento e do ensino de línguas estrangeiras, já que todos os cursos oferecidos são gratuitos.

Como você descreve a área de Estudos da Tradução no Brasil hoje e de que forma você acredita que ela possa se desenvolver futuramente? Quais áreas dos Estudos da Tradução você enxerga como mais promissoras e por quê?

No Brasil foi notável o crescimento da área de Estudos da Tradução, principalmente com as pesquisas desenvolvidas nas universidades públicas e com o interesse cada vez mais crescente em dar visibilidade ao trabalho de tradutoras e de tradutores. Acredito que a PGET possui um papel fundamental na difusão dos Estudos da Tradução, com destaque a programas como o DINTER, que desenvolve a integração entre as universidades brasileiras, com o objetivo de formar pesquisadores com o enfoque específico em tradução. Em consonância a essa difusão, também é importante salientar que novos cursos de pós-graduação voltados para pesquisas em tradução, como o programa de pós-graduação em Estudos da Tradução – POET da Universidade Federal do Ceará, são fundamentais para que pesquisas sejam desenvolvidas e que a tarefa de tradutoras e tradutores ganhe cada vez mais espaço nas discussões acadêmicas.

É difícil ser objetivo sobre as áreas dos Estudos da Tradução que são mais promissoras atualmente, porém percebo um interesse cada vez mais crescente na tradução de textos teóricos e de textos literários que favorecem uma circulação de pensamentos originários de diversos países e culturas. Historicamente, a circulação de textos europeus e, portanto, uma epistemologia de pensamento desenvolvida nos países da Europa, permitiu que reflexões outras e concepções diferentes de ser/estar no mundo não tivessem espaço de destaque nas traduções. Apesar de caminharmos lentamente para a modificação deste cenário, podemos perceber um maior interesse das editoras e dos leitores brasileiros em textos que trazem outras possibilidades sobre reflexões do existir. Produções tanto teóricas quanto literárias como as de Rupi Kaur, de Jhumpha Lahiri, de Aimé Césaire, de Abdelmalek Sayad, de Frantz Fanon estão cada vez mais presentes nos estudos acadêmicos, nos grupos de leitura e isso é um fenômeno que está, também, ligado aos Estudos da Tradução, pois são as traduções que vão favorecer essa circulação.

Fazer uma tradução e analisá-la são tarefas distintas que podem ser desenvolvidas pelo tradutor. Gostaríamos de saber qual a sua

visão sobre os desafios encontrados nessas atividades, relacionando-as ao seu ponto de vista sobre a importância do papel do tradutor na contemporaneidade.

Entendo a tradução no sentindo bermaniano de experiência. A partir do momento que vivemos o processo de traduzir um texto e nos damos conta de todas as possibilidades de escolha que perpassam tradutores, podemos sentir que o trabalho da tradução é essencialmente de caráter reflexivo. Dentro deste trabalho a análise de traduções pode ser uma das estratégias que tradutores utilizam. Na tradução que apresentei como projeto de tese, por exemplo, eu tive a oportunidade de analisar algumas traduções anteriores à minha e as soluções apresentadas pelas tradutoras e pelos tradutores ajudaram na composição da minha própria tradução. Além disso, analisar traduções e evidenciar este trabalho por meio de resenhas, de artigos científicos, de textos em plataformas digitais são excelentes ferramentas para dar ênfase ao fazer tradutório, colocando a tradução como foco de análise.

Estamos finalizando nossa entrevista e gostaríamos de saber sobre suas pretensões profissionais futuras e sobre projetos em desenvolvimento e a desenvolver. Aproveitamos para deixar esse espaço para que você possa complementar algo, se assim o desejar, que não mencionamos na entrevista.

Gostaria de agradecer a oportunidade de divulgar os trabalhos realizados na UFAL com relação aos Estudos da Tradução e com relação a minha atuação profissional. Quanto às minhas pretensões profissionais, um dos projetos para o próximo ano é entrar no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas e dar continuidade às pesquisas em Estudos da Tradução. Pretendo, também, continuar o trabalho com o ensino de língua francesa no estado de Alagoas, principalmente no que diz respeito à difusão e acesso da língua através de cursos gratuitos para a comunidade alagoana.

ENTREVISTA COM
MARCOS DE CAMPOS CARNEIRO

Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva[1]

O Prof. Dr. Marcos de Campos Carneiro é Doutor pela Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), possui o título de mestre em Línguas Estrangeiras Aplicadas (LEA) pela Universidade de Lyon 2 na França, com especialização em Lexicologia e Terminologia Multilíngues aplicadas à Tradução. Possui graduação em Letras pela Universidade de Brasília. Tem experiência no âmbito do ensino de línguas estrangeiras, com ênfase na língua francesa, e atualmente exerce o cargo de professor permanente do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguíssimo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI).

É possível ver em seu currículo que sua formação perpassou diversas instituições, o que acreditamos ser bastante enriquecedor para sua formação. Vemos que suas graduações foram realizadas na Universidade de Brasília e seu mestrado na *Université Lumière*, em Lyon, na França. Dentro desta perspectiva onde o senhor teve a oportunidade de escolher a instituição onde daria continuidade ao seu processo de formação, gostaríamos de saber como conheceu a PGET e o que o motivou a realizar o doutorado neste programa, na Universidade Federal de Santa Catarina?

Escolhi a PGET numa visita ao congresso da ABRAPT em 2013. Alguns amigos do curso de LEA-MSI da UnB tinham vindo apresentar trabalhos na área do evento, e aproveitei a oportunidade para conhecer a UFSC e a cidade de Florianópolis. A partir desse momento,

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução onde desenvolve sua pesquisa no âmbito da tradução de folclore e dos estudos da Lexicografia Especializada.

pensei que seria interessante estudar aqui... Assisti uma ou duas palestras, fiz um tour pela ilha, parei para pensar em um pré-projeto, busquei os currículos de possíveis orientadores, e acabei vindo bater na porta do professor Lincoln. Me apresentei, perguntei se ele orientaria o meu projeto, trocamos algumas ideias sobre as coisas, suas pesquisas no grupo TRACOR, etc., e saí de lá acreditando ter encontrado um bom lugar para ancorar a jangada... Afinal, o melhor lugar para se estudar é onde a gente se sente confortável, bem-vindo, e com boas referências de pesquisa, em outras palavras, eu tinha encontrado o ambiente ideal para jogar a tarrafa (risos).

Ao longo do curso de doutorado temos a oportunidade de cursar diversas disciplinas e interagir com colegas e professores. Estas interações se configuram como fatores essenciais para a formação individual e coletiva. A participação e organização de eventos também se alinham a essas interações e permitem o acompanhamento das pesquisas que vêm sendo realizadas no âmbito do programa, ademais de auxiliar no desenvolvimento da nossa pesquisa individual. A partir disto, gostaríamos de saber, quais eventos ou disciplinas o senhor poderia citar como pontos destaque para sua vida acadêmica durante seu doutorado na PGET?

Desenvolver meu doutorado numa ilha me trouxe uma série de questões. Nesse tipo de cenário, a tendência natural é achar que ficar isolado faz a gente pensar melhor. Mas, na prática, isso pode ser uma opção complicada. Se investigarmos sobre o fluxo das correntes do mar, por exemplo, entendemos que fenômenos como a própria rotação da terra, e a influência dos ventos são determinantes... Isso se acreditarmos que a terra é redonda, não é mesmo? (risos). Com essa imagem, quero dizer que esses fatores são parecidos com o que ocorre na academia, ao pensar que as ideias circulam pela troca que fazemos com outras pessoas, sejam elas professores, estudantes, não-especialistas e até mesmo desconhecidos com quem podemos trocar impressões. É importante

perceber que as disciplinas e os eventos acadêmicos são locais privilegiados para prosear, e perceber a maneira pela qual as correntes surgem, se dobram e se quebram.

Com relação ao seu orientador, como foi a dinâmica de trabalho? Vocês já se conheciam ou a entrada no doutorado foi o primeiro momento de interação entre ambos? Além dele, há algum (a) outro (a) professor(a) que o inspirou durante o curso? Poderia dizer quem e por que este (a) professor (a) o inspirou?

Fico feliz em responder a essas perguntas. Eu não conhecia o professor Lincoln pessoalmente, até bater na porta dele, mas tinha ouvido falar de algumas de suas pesquisas sobre corpora, ensino e prática da Tradução, especialmente por meio do COPA-TRAD, uma das suas ferramentas. Encontrei aí um ponto em comum com o meu orientador, pois eu também tinha elaborado o Sistema BRACorpus, criado para o ensino e a prática de Terminologia no LEA. Esse contato inicial foi muito interessante, porque acabei descobrindo áreas que eu poderia acrescentar, como a avaliação de terminologia, usabilidade, e principalmente uma forma de tentar relacionar todas essas questões em um projeto multidisciplinar. Considero que o processo de orientação do Lincoln foi muito especial, e por termos personalidades mais ou menos parecidas, acabei percebendo que ele era meio que um irmão mais velho... Com isso, nossa dinâmica de trabalho aconteceu de uma forma muito espontânea, possibilitando a realização do meu trabalho com muita liberdade e intensidade. Durante as disciplinas que cursei, encontrei outros professores importantes para o andamento do meu projeto. Na disciplina do professor Carlos Maciel, encontrei coisas interessantes nas suas pesquisas sobre Estatística Lexical e o desenvolvimento da base Portext. Em especial, tive a felicidade de ser estudante da professora Maria Lúcia Vasconcellos, a quem agradeço por sua generosidade em compartilhar seus conhecimentos em Didática da Tradução, e a sua forma de pensar sobre os estudos aplicados.

Além de sua tese intitulada *Avaliação de terminologia multilíngue aplicada à formação em tradução jurídica: estudo para proposta didática com base em TICS*, defendida em março de 2019, houve algum outro produto gerado a partir desta pesquisa? Como por exemplo, artigos, palestras, participação em eventos, livros?

Alguns desdobramentos da minha tese ocorreram durante o processo de pesquisa, e outros depois da defesa do trabalho. E assim, tive a ideia de apresentar cada aspecto do que estava desenvolvendo em congressos como os: i. *Ergonomics and technologized knowledge work: cognitive effort, creativity, and health issues*, realizado em parceria entre a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a *Zurich University of Applied Sciences*, o ii. *One-Day Colloquium on Translation, Narrative Studies, Stylistics and Corpus-Based Tools* realizado em parceira entre a UFSC e a *University of Birmingham*, e o iii. I SEDITRAD, Seminário Internacional de Pedagogia e de Didática da Tradução, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD) da UnB.

Depois da defesa da tese consegui desengavetar a pesquisa em algumas ocasiões. Orientei um trabalho de conclusão de curso da Beatriz Cantilho na pesquisa intitulada *Avaliação comparativa de bancos terminológicos multilíngues sob a perspectiva da Ergonomia e da Usabilidade: proposta para aperfeiçoamento do BRACorpus*. Outro desdobramento importante desse trabalho de tese vincula-se à ferramenta portfólio acadêmico, utilizado em um dos experimentos de avaliação didática que conduzi. Isso deu origem a um novo tipo de trabalho de conclusão de curso de graduação do LEA-MSI/UnB. E, assim, essa tese continua a caminhar, vinculando teoria e prática entre outras coisas.

Ao entrar no Programa de Pós-Graduação o senhor já era docente na Universidade de Brasília do quadro permanente de professores do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguíssimo e à Sociedade da Informação, tendo sido, inclusive, meu professor. Deste modo, para encerrar esta entrevista, gostaríamos de saber se houve algum ponto em especial que o senhor aprendeu durante o

doutoramento na PGET que já está sendo aplicado em seu trabalho como docente na Universidade de Brasília? Houve alguma mudança específica em seu trabalho como docente, ao compararmos o período anterior e posterior ao doutorado?

Tudo o que aprendemos pode nos ajudar a otimizar pesquisas novas ou trabalhos antigos. Espero continuar a acreditar nisso, por um bom tempo. Hoje, por exemplo, tenho a satisfação de me reconhecer em você, e fico feliz em te reencontrar realizada no que faz, Maria Moura. Desejo que a sua formação acadêmica acabe por impactar o seu trabalho, e que você continue a manter os seus ouvidos atentos para aprender com as suas experiências de vida. Ser estudante da PGET também me trouxe várias circunstâncias favoráveis de seguir aprendendo. Nesse mesmo sentido, percebo o quanto que o meu mestrado pôde ser aproveitado no meu trabalho em sala de aula, e no doutorado em Estudos da Tradução. E, assim por diante, com certeza o doutorado vai me acompanhar diante de novos desafios. Para concluir, deixo um abraço a todos os estudantes pesquisadores, desejando que suas realizações estejam sempre à altura de seus sonhos.

Entrevistadores e Entrevistados

Aída Carla da Cunha
Arlene Koglin
Bruna Silva Fragoso
Elis Maria Cogo
Emily Arcego
Fernanda Christmann
Gilles Jean Abes
Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado
Greice Bauer
José Endoença Martins
Kall Lyws Barroso Sales
Karolline dos Santos Rolim
Laís Gonçalves Natalino
Márcia Monteiro Carvalho
Marcos de Campos Carneiro
Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva
Marlova Gonsales Aseff
Morgana Aparecida de Matos
Rafaela Marques Rafael
Rodrigo D'Avila Braga Silva
Rosangela Fernandes Eleutério
Sheila Maria dos Santos
Telma Franco Diniz
Tobias Nunes Cordova
Willian Henrique Cândido Moura